



Guia de Encontros Interculturais entre Estudantes:

Estratégias institucionais para acolher
a diversidade cultural no ensino superior

REFERÊNCIA DO PROJETO
2018-1-PL01-KA203-050751

www.solvinc.eu



CC-BY-NC-SA



Este documento pode ser copiado, reproduzido ou modificado de acordo com as regras acima referidas. Adicionalmente, o reconhecimento dos/as autores/as e de todas as partes aplicáveis do aviso de direitos de autor deve ser claramente referenciado.

Todos os direitos reservados.

© Copyright 2020 SOLVINC

Parceiros do Projeto:

Academia de Ciências Sociais SAN, Polónia

Universidade de Viena, Áustria

Elan Interculturel, França

Universidade Johannes Gutenberg Mainz, Alemanha

Universidade do Porto, Portugal





Guia de Encontros Interculturais entre Estudantes:

Estratégias institucionais para acolher a diversidade cultural no ensino superior

Editores: José Pedro Amorim, Pedro Ferreira & Isabel Menezes

Autores: José Pedro Amorim, Laleh Esteki, Beate Hörr, Mariella Knapp, Joana Manarte, Anna Maria Migdał, Katharina Resch, Iris Thimm-Netenjakob, Vera Varhegyi, Emeline Alexandre, Eloise Dubrana

Tradução de Cristina Leite, revista pela equipa do CIIE/FPCEUP

Data: Novembro 2020

Formato: Documento de Divulgação Pública

Projeto: SOLVINC – Solving intercultural conflicts with international students
[Resolver conflitos interculturais com estudantes internacionais]
Número do Acordo de Subvenção: 2018-1-PL01-KA203-050751

Produto IO 4 Guia de encontros interculturais entre estudantes



Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union

Índice

1. Introdução	5
Definição de encontros interculturais entre estudantes e do foco deste Guia	5
O projeto SOLVINC e os seus produtos	7
Referencial teórico e analítico deste Guia	8
O que fazer com a diferença?	10
Sobre o desenvolvimento do Guia	14
2. Compêndio de encontros interculturais entre estudantes	15
2.1. Acolhimento, orientação e diálogo	15
2.1.1. Semana de Acolhimento, do Gabinete Internacional de Mainz	15
2.1.2. Dia de Orientação	17
2.1.3. <i>Campus Dialogue Sessions Program</i>	18
2.2. Culturas e sabores: cidades, países e continentes	20
2.2.1. Visita à Cidade e Sarau Cultural	20
2.2.2. Sete Cores, Sete Continentes	21
2.2.3. Oficina de cozinha	22
2.3. Redes de socialização e mentoria	23
2.3.1. Programa <i>Buddy</i>	23
2.3.2. Programa <i>Buddy – ESN</i>	25
2.3.3. <i>Fremde werden Freunde</i> (Estrangeiros/as tornam-se amigos/as) / FWF	27
2.3.4. Programa Transversal de Mentoria Interpares da U.Porto	28
2.4. Idioma	31
2.4.1. Café da Língua	31
2.4.2. Aprendizagem <i>Tandem/Linguagem Tandem</i>	32
2.4.3. <i>Gutenberg International School (GIS)</i> – Cursos para estudantes de intercâmbio	34
2.5. Encontros de estudantes no currículo	35
2.5.1. <i>Vienna Innovation Program</i> ^{WU}	35
2.5.2. Curso Bilingue de Negócios Internacionais	37
3. Observações finais	38
4. Referências	40

1. Introdução

Ao longo das últimas décadas, o Espaço Europeu de Ensino Superior tem assistido a um aumento significativo de mobilidade e migração de estudantes, devido a uma crescente globalização da educação. Este fenómeno não é apenas apoiado por políticas educativas (programas Erasmus, por exemplo), resultando também da instituição de um mercado mundial do ensino superior (Godin & Rea, 2011), que implica uma forte internacionalização deste nível de ensino. Naturalmente, daqui resultam consequências importantes para as instituições de ensino superior (IES) em geral, mas também para o pessoal administrativo e académico que “necessita de adaptar os métodos pedagógicos, competências e habilidades a esta nova realidade” (Sobiesiak, 2012, p. 61, tradução nossa). Este crescimento de diversidade e diferença no âmbito do ensino superior pode ser particularmente desafiante porque, como referido nas linhas orientadoras sobre educação intercultural, da UNESCO (2006, p. 10, tradução nossa), surgem “tensões inerentes (...) ao conciliar visões do mundo concorrentes (...) [que] refletem a diversidade de valores que coexistem num mundo multicultural”, um processo que pode, ainda assim, “trazer riqueza ao debate sobre educação e multiculturalismo”. E este crescimento incorpora outras fontes de diversidade e de diferença para além de cultura, nacionalidade e etnia, nomeadamente idade (Amaral & Magalhães, 2009; Amorim, 2018), género (Kim, 2011; Margolis & Romero, 1998) e contexto socioeconómico (Bathmaker et al., 2016), para referir apenas alguns.

No entanto, mesmo se bem-intencionado, qualquer esforço para discutir o tema das relações e dos conflitos interculturais – incluindo o presente Guia! – deve estar ciente do viés essencialista que corre o risco de tratar a cultura como uma entidade fixa e homogénea (Dasli, 2019), subjacente a cada identidade individual, valores e visões do mundo, como se fosse um único caminho, uma rua de sentido único. Deste modo, esperamos que as estratégias aqui apresentadas sejam vistas como esforços para desenvolver pontes entre culturas, que celebram a diferença e a diversidade, mas que dão também às pessoas participantes a oportunidade de identificar a semelhança e a igualdade radical entre seres humanos (Arendt, 1995), enquanto, ao mesmo tempo, formulam os necessários “questionamentos transformativos que todo e qualquer pedagoga/o [, funcionário/a e estudante do ensino superior] tem de empreender no processo de refletir, de formas sempre novas, sobre o problema ético da diferença” (Dasli, 2019, p. 227, tradução nossa).

Definição de encontros interculturais entre estudantes e do foco deste Guia

Os estudantes internacionais passam por complexos processos de adaptação ao ensino superior no seu país de acolhimento, em termos académicos, mas também culturais e sociais (Rienties & Tempelaar, 2013). Isto resulta em diferentes níveis de stresse durante o processo de adaptação à nova cultura estudantil, universitária ou de aprendizagem da universidade de acolhimento (Ward et al., 2001). Alguns grupos de estudantes internacionais atravessam processos intrincados de adaptação pessoal, emocional e social, ao passo que outros se ajustam de uma forma mais linear (Rienties & Tempelaar, 2013). Conhecer estudantes

locais, praticar com eles/as a língua de acolhimento, ou fazer amigas/os, são objetivos importantes de estudantes internacionais quando vão para o estrangeiro. Assim, as integrações sociais são um imperativo fundamental para ajudar a que os/as estudantes internacionais tenham uma experiência positiva no ensino superior (Tinto, 1975). Encontrar pares com quem partilham afinidades, individualmente ou em pequenos grupos, é essencial para a integração social de estudantes internacionais (Byl et al., 2016), e a sala de aula é vista como o espaço mais importante para a integração social (Fergy et al., 2011). Estudantes socialmente integrados/as têm maiores probabilidades de concluírem os estudos. Fergy e colaboradores (2011) mencionam explicitamente o apoio dos pares e o fazer amigas/as como fatores importantes para a progressão no ensino superior. Isto é especialmente verdadeiro nos casos de uma estada académica num país estrangeiro e da necessidade de as IES facilitarem interações entre estudantes locais e internacionais para promover a adaptação cultural. No entanto, este objetivo não é fácil de cumprir.

Primeiro, é importante saber como são definidos os encontros interculturais entre estudantes. Para tal, recordamos a definição proposta por uma publicação do Conselho da Europa:

“Um encontro intercultural é um encontro com outra pessoa (ou grupo de pessoas) que é percebida como tendo afiliações culturais diferentes de si mesmo/a. Esses encontros podem ocorrer cara a cara ou virtualmente, através, por exemplo, de meios de comunicação social ou outros meios de comunicação. Eles podem envolver pessoas de diferentes países, pessoas de diferentes origens regionais, linguísticas, étnicas ou religiosas, ou pessoas que diferem umas das outras por causa de seu estilo de vida, género, classe social, orientação sexual, idade ou geração, nível de observância religiosa, etc. Um encontro interpessoal torna-se um encontro intercultural quando as diferenças culturais são percebidas e evidenciadas pela situação ou pela própria orientação e atitudes do indivíduo. Assim, numa interação intercultural, não se responde à outra pessoa (ou pessoas) com base nas suas próprias características pessoais individuais – em vez disso, responde-se a elas com base na sua afiliação a outra cultura ou conjunto de culturas. Em tais situações, a competência intercultural é necessária para alcançar uma interação harmoniosa e um diálogo bem-sucedido.” (Barrett et al., 2014, p. 16, tradução nossa)

De facto, as IES em todo o mundo têm sido desafiadas por um aumento da participação de estudantes de grupos sub-representados no ES e especialmente em situação de mobilidade. Os exemplos são muito diversos: estudantes “maduros/as”, estudantes de primeira geração, estudantes incapacitados/as, mulheres, migrantes e minorias étnicas. Esperamos que este Guia possa contribuir para uma maior inclusão social de todos os grupos de estudantes.

A pergunta principal deste Guia é a seguinte: que exemplos e práticas de integração social, na forma de encontros organizados de estudantes, existem nas universidades europeias e como podem ser descritos os seus principais pontos fortes e pontos fracos?

Esperamos que este Guia possa contribuir para

- a integração social de estudantes internacionais nas IES (Tinto, 1975)
- disseminar diferentes formatos de encontros entre estudantes internacionais e locais nas IES;
- reforçar a responsabilidade social das IES;
- promover uma cultura orientada para a diversidade e um “multiculturalismo crítico” (Stoer & Cortesão, 1999, p. 30) nas IES;
- apoiar a internacionalização das IES, especialmente em relação à mobilidade de estudantes internacionais.

O projeto SOLVINC e os seus produtos

O projeto SOLVINC visa facilitar o desenvolvimento de competências interculturais e de gestão de conflito entre estudantes internacionais e locais e pessoal das IES, bem como implementar reuniões interculturais de estudantes nas IES. Para tal, o projeto transferiu, pela primeira vez, a metodologia de incidentes críticos de Cohen-Emerique (2015) para o contexto do ensino superior. Previamente, esta metodologia tinha sido usada em diversos contextos e áreas multiculturais, como serviço social, saúde e educação de pessoas adultas.

Este projeto produziu quatro produtos intelectuais complementares:

- Choque de Culturas na Educação Universitária. Um documento de leitura para faculdades e estudantes internacionais: como transformar incidentes críticos em oportunidades de aprendizagem¹ – e uma ferramenta *online*²;
- Guia de Leitura das Zonas Sensíveis³;
- Caderno de Atividades sobre Diversidade e Internacionalização no Ensino Superior⁴;
- E, finalmente, este Guia de Encontros Interculturais entre Estudantes⁵.

Para uma visão mais contextualizada deste Guia, recomendamos a leitura dos produtos listados acima. A informação fornecida poderá enriquecer a implementação de encontros interculturais.

1 <http://learningfromcultureshocks.eu/wp-content/uploads/2019/11/Reader-22Nov2019.pdf>

2 <http://learningfromcultureshocks.eu/>

3 <http://solvinc.eu/results/#res2>

4 <http://solvinc.eu/results/#res3>

5 <http://solvinc.eu/results/#res4>

Referencial teórico e analítico deste Guia

A recolha destas estratégias institucionais teve subjacente um referencial (ver Figura 1) criado num projeto anterior (Menezes, Lopes, Amorim, Neves, Pais & Soeiro, 2016), seguindo os modelos clássicos de impacto do ensino superior propostos por Astin e Tinto, nos anos 1970, e Pascarella e Weidman, nos anos 1980 (ver Pascarella & Terenzini, 2005, pp. 53-60).

Este referencial é composto por três fatores principais:

1. o primeiro fator compreende três dimensões das “condições estruturais”:
 - A) Histórico pessoal (*background*);
 - B) Políticas educativas;
 - C) Dinâmicas culturais e políticas;
2. o segundo fator, da experiência no ensino superior, contém duas dimensões:
 - D) Apoio e políticas organizacionais;
 - E) Experiências dos estudantes;
3. e o terceiro fator está relacionado com os
 - F) Resultados para os indivíduos, as IES e a sociedade em geral.

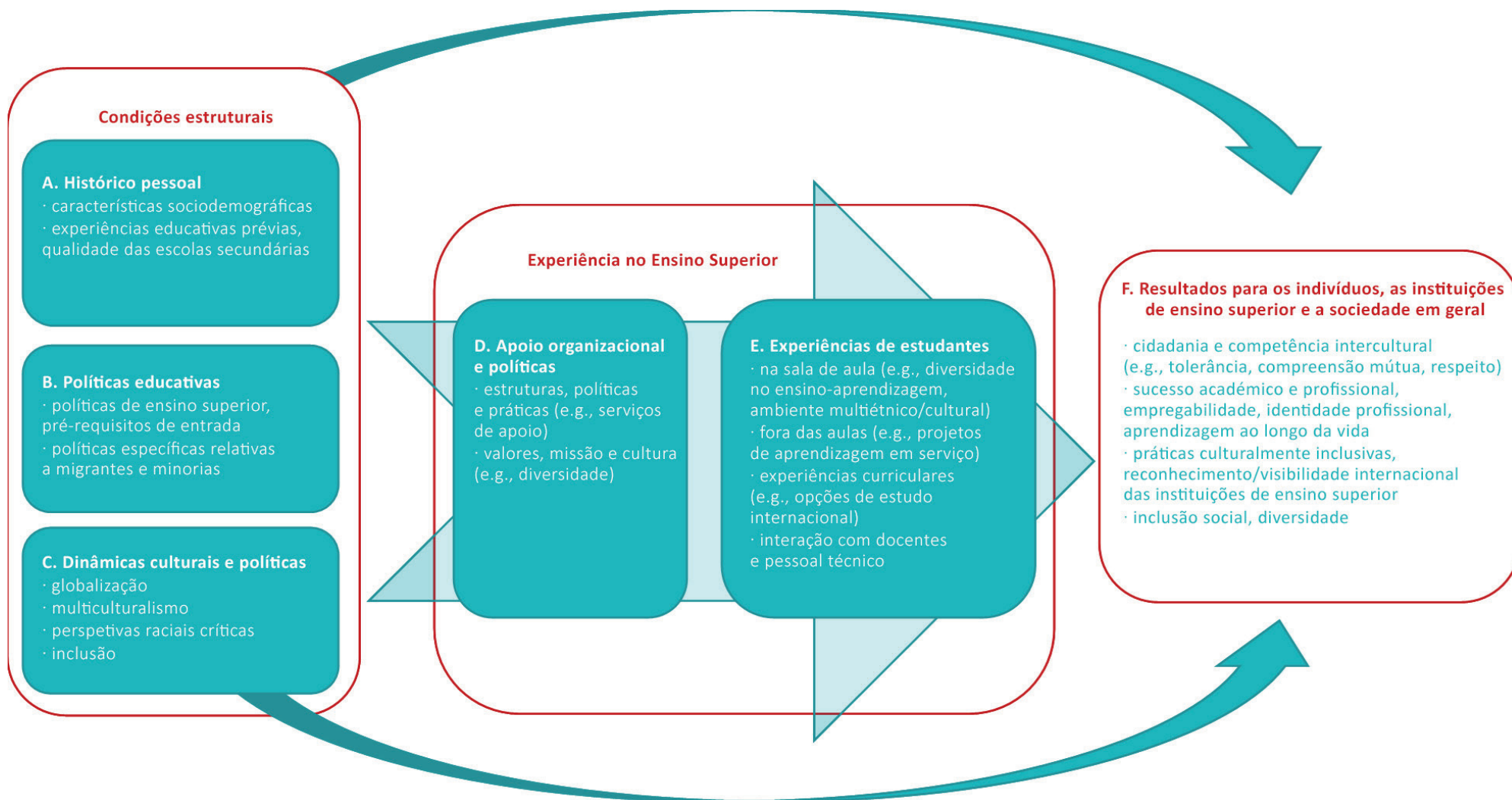


Figura 1: Enquadramento teórico e analítico

Fonte: Menezes, Lopes, Amorim, Neves, Pais & Soeiro, 2016, p. 6 (tradução nossa)

Este referencial mostra que a promoção da interculturalidade é feita intervindo num contexto (*background*) estrutural e tem consequências para além das IES. Neste sentido, seria importante desenvolver metodologias para avaliar o impacto destas ações nas pessoas, nas IES e na sociedade em geral, considerando dimensões tão variadas como cidadania, competências interculturais, sucesso académico e profissional, empregabilidade, identidade profissional, aprendizagem ao longo da vida, práticas culturalmente inclusivas, reconhecimento internacional/visibilidade das IES, inclusão social, diversidade (ver Figura 1).

As condições estruturais devem ser abordadas em estratégias institucionais como as recolhidas neste Guia, dada a importância dos aspetos que precedem a entrada no ensino superior (e não só a experiência de mobilidade). Na verdade, esta compilação não representa tudo o que as IES fazem a este respeito, mas parece revelador o facto de que apenas dois dos exemplos (ver Linguagem Tandem e Programa de Mentoria) se referem explicitamente ao momento anterior à mobilidade.

Numa lógica freiriana de “conscientização” (Freire, 1972), promover a tomada de consciência, e a subsequente preparação para a ação, sobre o impacto (muito significativo, mas não determinístico) destas condições estruturais nos percursos individuais e coletivos destes e destas estudantes, teria elevado valor pedagógico, democrático e emancipatório. Quando falamos de diálogo, e seguindo Freire, estes seriam bons temas para iniciar uma conversa com estudantes internacionais e locais: (i) características sociodemográficas, (ii) experiências educativas prévias, (iii) políticas de ensino superior, (iv) políticas específicas sobre migrantes e minorias, (v) globalização, (vi) multiculturalismo, (vii) perspetivas raciais críticas e (viii) inclusão (ver Figura 1).

Do nosso ponto de vista, os exemplos recolhidos neste Guia tratam de aspetos fundamentais relacionados com a interculturalidade e a educação (também) com estudantes internacionais: acolhimento, orientação e diálogo, diferentes culturas e tradições gastronómicas (locais e internacionais), programas de mentoria e redes de socialização, idiomas e estratégias curriculares.

Quanto ao método de recolha de dados, predominou a pesquisa documental (em dez casos), embora também tenham sido realizadas entrevistas e observação (com quatro exemplos cada).

As/os estudantes internacionais são destinatárias/os de todas as estratégias, embora a maioria também envolva estudantes nacionais (n = 13). Pessoal técnico (n = 5), docentes (n = 4), comunidade local (n = 2) e outras pessoas estrangeiras no país de acolhimento (n = 1) são também mencionadas.

Baseado no referencial analítico apresentado na Figura 1, pode ver-se que os exemplos descritos neste Guia se focam especialmente no momento presente, na experiência de estudantes universitários, sobretudo em relação à mobilidade. No geral, parecem ser mormente práticas de interação, mais do que estruturas e políticas organizacionais.

O que fazer com a diferença?

Esta tem sido frequentemente a pergunta de partida. No entanto, antes de procurar respostas para esta pergunta, é importante desconstruir alguns mitos em torno desta ideia de diferença e (associada com ela) de igualdade.

Em “A Quinta dos Animais”, George Orwell (2011, p. 81, tradução nossa) disse: “Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que outros”. O mesmo pode ser dito sobre a diferença: somos todos diferentes, mas alguns são mais diferentes do que outros. Tomemos o exemplo da língua: ainda que se trate do mesmo idioma, nas suas variantes (por exemplo, português de Portugal e português do Brasil), há desafios de comunicação. Mas estes desafios são muito maiores quando a língua é diferente, tornando a comunicação ainda mais difícil. Muito frequentemente, os estudantes internacionais não falam a língua do país de acolhimento.

Contudo, e como refere Amartya Sen (2007), é errado e perigoso reduzir a complexa identidade humana a uma característica única. Esta tem sido a causa de inúmeros conflitos e atos de barbárie. A divisão em grupos – um endogrupo (*ingroup*) e um exogrupo (*outgroup*), “nós e eles”, na linguagem corrente –, mesmo quando baseada em critérios frágeis e irrelevantes (Tajfel, 1970), está associada a fenómenos como (i) o favoritismo do endogrupo sobre o exogrupo, (ii) a derrogação do exogrupo, quando o mesmo exogrupo é percebido como ameaçador (Hewstone, Rubin & Willis, 2002), (iii) a polarização de grupo (quando o grupo reforça tendências pré-existentes dos membros), e (iv) o efeito de homogeneidade do exogrupo, como se “eles” fossem idênticos (Myers, 2010).

No ensino superior, a pesquisa com assim designados estudantes “não tradicionais” mostra como a combinação – isto é, a “interseccionalidade” (Crenshaw, 1989) – de duas ou mais características “não tradicionais” (cor da pele, idade, incapacitações, definição sexual, classe social, características etnoculturais, género, ser estudante de primeira geração, entre outras) contribui para o fracasso destes e destas estudantes. Por outras palavras: quanto mais “não tradicional”, mais “inadaptado”.

Neste Guia, e uma vez que falamos de interculturalidade, é importante salientar quão errado e perigoso é considerar como “diferente” toda a pessoa que vem de um país diferente do nosso, como se nós fôssemos todos iguais – as “comunidades de mesmidade”, de Zygmunt Bauman (2008). É como se a diferença em relação a qualquer “estrangeiro” pudesse ser sempre justificada a partir de um ponto de vista cultural, ou seja, a partir da cultura de um povo, de uma nação. Como se não houvesse diversidade e diferença dentro de cada país, num determinado território, na mesma família, num grupo de pessoas que se juntam por qualquer razão: educativa, cívica e política, cultural, religiosa, desportiva, etc.

Até que ponto tomamos como “diferenças culturais” aspetos relacionados com a personalidade de cada ser humano, os seus interesses, crenças, sonhos, que podem ter pouco ou nada que ver com a sua “nacionalidade”? A consciência deste risco deve estar sempre presente quando tentamos trabalhar a interculturalidade no ensino superior, ou noutros contextos, para que possamos exercer uma indispensável e “permanente vigilância crítica” (Stoer & Cortesão, 1999, p. 28).

Neste sentido, Paulo Freire (1999) salienta a importância de considerar não apenas o que nos separa, mas, acima de tudo, o que nos aproxima, não só o que nos distingue, mas o que se assemelha em nós. Assim, o autor recorda as diversas “minorias” que são, de facto, a maioria da população. Há uma característica comum que pode e deve uni-los: o facto de serem pessoas discriminadas.

“As chamadas minorias, por exemplo, precisam reconhecer que, no fundo, elas são a maioria. O caminho para assumir-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si e não só

as diferenças e assim, criar a *unidade na diversidade*, fora da qual não vejo como aperfeiçoar-se e até como construir-se uma democracia substancial, radical.” (Freire, 1999, p. 143).

Esta “unidade na diversidade” deve ser assumida como parte da responsabilidade social das IES, que não só devem estar abertas a esta “unidade na diversidade”, mas, acima de tudo, a promovê-la, porque essa é a forma de construir uma democracia efetiva. Caso contrário, e como Martin Trow (1973) afirmou, há já algumas décadas, o ensino superior continuará a existir para a elite, reservado a uma minoria (que é de facto uma minoria) da população, em detrimento da maioria discriminada.

Este não é um percurso fácil, bem entendido. A multiculturalidade, como Paulo Freire tão bem assinala, não é espontaneamente construída. Pelo contrário, resulta de uma decisão política e histórica e de uma ação coletiva.

“[...] o fato mesmo da busca da unidade na diferença, a luta por ela, como processo, significa já o começo da criação da multiculturalidade. É preciso reenfatizar que a multiculturalidade como fenómeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns. Que demanda, portanto, uma certa prática educativa coerente com esses objetivos. Que demanda uma nova ética fundada no respeito às diferenças.” (Freire, 1999, p. 157)

Como disse De Sanctis (1984), não podemos falar sobre o público na educação enquanto nos focarmos em “necessidades” individuais – ou, quando muito, nas “necessidades” de uma elite –, desconsiderando a dimensão coletiva que a educação deve ter (ver também Freire, 1972), a preocupação por todas e todos (de facto) e por cada um/a. Isto é também sublinhado pela Comissão Europeia:

“O objetivo central da dimensão social do Processo de Bolonha é que a população estudantil reflita a diversidade da população, e que a origem dos/as estudantes não tenha impacto na sua participação no ensino superior.” (European Commission/EACEA/Eurydice, 2018, p. 154, tradução nossa).

Assim, a resposta à pergunta de partida – O que fazer com a diferença? – não passa por uma conjunção alternativa (*ou*) mas aditiva (*e*): não se trata de igualdade ou diferença, mas de igualdade e diferença. Como refere Boaventura de Sousa Santos (1997, p. 30), “as pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os descaracteriza.”

Isto significa que as IES e as pessoas que nelas estudam e trabalham não devem incorrer numa espécie de “daltonismo cultural”, tomando o multicolorido “arco-íris de culturas” como uma única cor... de interesses, conhecimentos e necessidades semelhantes. No entanto, o respeito pela diversidade não deverá corresponder à “adoção acrítica de um relativismo cultural (que se traduz por uma aceitação incondicional da diversidade, coexistindo com a ausência de análise das relações de poder sempre envolvidas nas situações em que diferentes culturas coexistem no mesmo espaço” (Stoer & Cortesão, 1999, p. 23). Há inúmeras diferenças que nos enriquecem, mas há algumas que não estamos dispostos a aceitar. Como em qualquer relação humana, é importante conhecer os nossos próprios limites e definir as regras em conjunto.

O reconhecimento da diversidade também não pode significar a “folclorização” dessa mesma diversidade (Mariet, 1991; van Binsbergen, 1994). Todavia, este reconhecimento pode ser associado, por vezes,

a um certo “exotismo”, como descreve Tzvetan Todorov (1993, p. 264, tradução nossa): “os outros são melhores do que nós”. Mais frequentemente, contudo, há uma exibição de habilidades e desempenhos que são inofensivas (embora importantes) e por vezes exóticas: danças, sabores, músicas...

É essencial, por isso, desenvolver um diálogo respeitador e crítico, isto é, um “multiculturalismo crítico”, que promova “situações de bilinguismo cultural” (Cortesão & Stoer, 1999, p. 30) e mesmo multilinguismo:

“É por isso que não há verdadeiro bilinguismo, muito menos multilinguismo, fora da multiculturalidade e não há esta como fenómeno espontâneo, mas criado, produzido politicamente, trabalhado, a duras penas, na história.” (Freire, 2014, p. 147)

Para promover a interculturalidade, a comunicação e o diálogo têm de estar presentes. Caso contrário, e como Paulo Freire (1992, p. 22) relembra, estaremos a praticar ações “extensionistas”, compreendidas como “a necessidade [...] de ir até a ‘outra parte do mundo’, considerada inferior, para, à [nossa] maneira, ‘normalizá-la’. Para fazê-la mais ou menos semelhante a [nosso] mundo.” Estas são ações manipulativas, marcadas por uma “invasão cultural”, que nega o ser humano, o outro ser humano, “como um ser de transformação do mundo” (Freire, 1992, p. 22).

O multiculturalismo tolerante repressivo descrito por Slavoj Žižek (2006, p. 72) também não é solução:

“O multiculturalismo é, naturalmente, a forma ideal da ideologia deste capitalismo planetário, a atitude que, de uma espécie de posição global vazia, trata *cada* cultura local à maneira do colono que lida com uma população colonizada – como ‘indígenas’ cujos costumes devem ser cautelosamente estudados e ‘respeitados’.”

Pelo contrário, o multiculturalismo crítico é a antítese de uma “educação multicultural benigna”, ou seja, uma “tentativa ‘caridosa’ e/ou tecnocrática de enfrentar a diversidade cultural” (Stoer & Cortesão, 1999, p. 26). E é resultado de “duras penas”, para usar as palavras de Freire, ou seja, requer esforço, exige um compromisso por parte das pessoas envolvidas. Em suma, é importante destacar a diferença entre a tolerância da diferença – que Slavoj Žižek condena no seu “Elogio da intolerância” (2006) – e a efetiva coexistência com a diferença, um efetivo “viver com”. Deste ponto de vista, a tolerância

“[...] só pode evitar agressões quando se transforma em solidariedade, no reconhecimento universal de que a diferença é uma universalidade que não está aberta à negociação [...]. A tolerância como ‘mera tolerância’ é moribunda; só pode sobreviver sob a forma de solidariedade. Simplesmente não basta ficar satisfeito com o facto de a diferença do outro não limitar ou ameaçar a nossa (...). A solidariedade, ao contrário da tolerância, que é a sua versão mais fraca, significa disposição para lutar; e entrar na luta em prol da diferença alheia, não da própria. A tolerância é egocêntrica e contemplativa; a solidariedade é socialmente orientada e militante.” (Bauman, 1999, pp. 270-271)

Com estas notas introdutórias, é importante dizer que este Guia incide sobre a experiência no ensino superior – porque é quando estes encontros acontecem –, ilustrando diferentes estratégias institucionais para acolher a diversidade cultural no ES. Devemos ter em mente, não obstante, que mesmo uma “boa” prática/política num determinado lugar pode tornar-se uma “má” prática/política noutra lugar, se as especificidades contextuais não forem tidas em conta.

Sobre o desenvolvimento do Guia

Os parceiros do consórcio SOLVINC recolheram um conjunto de 25 formatos relativos a encontros interculturais entre estudantes. Quinze deles foram selecionados, de acordo com a sua relevância (pontos fortes e pontos fracos) e diversidade. Por exemplo, o tipo mais frequente de atividade envolve comida e bebida. Todas as instituições proporcionam este tipo de iniciativa. No entanto, e embora tenham diferentes formatos – jantar, oficina, festa, festival –, apresentamos apenas um exemplo, uma vez que, a despeito de algumas diferenças, os elementos essenciais da atividade são comuns a todas elas.

Estes 15 exemplos são descritos em baixo, de acordo com os seguintes elementos:

- Caracterização de destinatários/as (estudantes internacionais e/ou nacionais, docentes, pessoal técnico, outras pessoas);
- Foco temático (cultura local, idioma, conflitos interculturais, diversidade cultural, direitos humanos/racismo e/ou outros);
- Contexto (universidade e/ou outro);
- Pequena descrição dos encontros entre estudantes: descrição geral da experiência, com indicação de
 - quando e porque começou;
 - quem/que entidade é responsável;
 - quais são as principais atividades/estratégias implementadas;
 - quem está envolvido e como;
 - resultados e impacto (se disponível).
- Grau de institucionalização, inovação e alcance por toda a universidade: qual é o grau de institucionalização desta experiência? Tem um impacto sistemático na organização ou é relativamente episódico e limitado às pessoas envolvidas?
- Implicações para a resolução de conflitos interculturais nas universidades: esta experiência é importante para resolver conflitos interculturais nas universidades? Faz sentido torná-la uma estratégia prioritária? Porquê/porque não?
- Principais pontos fortes e pontos fracos;
- Método de recolha de dados (e.g., pesquisa documental, observação, entrevistas com pessoal técnico, docentes, investigadores/as, estudantes e/ou outras pessoas);
- Comentários adicionais (e.g., idade, género, estatuto, função das pessoas entrevistadas na IES);
- Referências.

O Guia está traduzido em todos os idiomas do consórcio: francês, alemão, polaco e português.

2. Compêndio de encontros interculturais entre estudantes

2.1. Acolhimento, orientação e diálogo

Estas atividades representam a fase inicial de acolhimento de estudantes internacionais. Existe uma preocupação com a orientação de estudantes que, na primeira fase, podem sentir-se um pouco perdidos/as, nomeadamente no que diz respeito a aspetos de natureza institucional e administrativa. Pode também dizer-se que, nesta fase, o diálogo começa, como uma tentativa de conhecimento mútuo.

2.1.1. Semana de Acolhimento, do Gabinete Internacional de Mainz

Johannes Gutenberg University Mainz (JGU), Alemanha

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

A Semana de Acolhimento (*Welcome Week*) é organizada pelo Gabinete Internacional (*International Office*) da Universidade de Johannes Gutenberg, em Mainz, na Alemanha. Consiste em diferentes ofertas/eventos para os estudantes internacionais que chegam a esta Universidade.

O conceito inclui ofertas para

- estudantes de intercâmbio internacional,
- estudantes de graduação internacionais e
- ambos os grupos em conjunto.

A Semana de Acolhimento é dividida em:

- **InfoDias (*InfoDays*):** oferta para os estudantes de intercâmbio internacional. O programa tem duração de três dias e abrange tarefas administrativas como inscrição, obtenção de cartão de estudante, conta do sistema informático, seleção de cursos e inscrição, com representantes das várias faculdades, assinatura de contratos de arrendamento para os dormitórios e um circuito pelo *campus*. As/Os estudantes recebem um guia prático que inclui respostas a muitas perguntas numa brochura de formato compacto.
- **Dias de Orientação (*Orientation Days*):** para estudantes de graduação internacionais.
- Estes eventos são separados uma vez que os grupos têm necessidades diferentes.

A Semana de Acolhimento também inclui eventos de socialização:

- *Welcome Meet and Greet* (primeira noite)
- Festa de despedida (*Farewell reception*) (no final: *feedback/marketing*)

Outras partes da Semana de Acolhimento são:

- **InfoCafé** (muitas organizações e instituições exteriores à vida académica, como grupos desportivos de estudantes, consulta psicológica, programa *buddy*, biblioteca universitária, etc., são apresentadas aos/às novos/as estudantes na forma de uma pequena feira)
- Visita à cidade para todas/os

Partes do programa resultam de cooperação com o *Studierendenwerk* (Residência estudantil) e *AStA Ausländerreferat* (organização estudantil) e, inicialmente, ESG & KHG (as duas igrejas universitárias).

A Semana de Acolhimento é apoiada por assistentes estudantis e por Embaixadores/as de Estudantes.

CARACTERIZAÇÃO



DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais



FOCO TEMÁTICO

- cultura local
- primeiros passos/chegada à universidade



CONTEXTO

- universidade



RECOLHA DE DADOS:

- pesquisa documental
- observação
- entrevistas com pessoal técnico/docentes/ Investigadores/as
- autorrelato

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

Desde 1998/1999, os InfoDias são oferecidos duas vezes por ano a estudantes de intercâmbio internacional, organizados pelo pessoal técnico da Universidade. Para o Gabinete Internacional, é parte fundamental do seu programa. Para a própria Universidade, eles servem para facilitar a integração de novas/os estudantes em todas as áreas. Deste modo, cumprem também o objetivo de prevenção de problemas, criando um clima mais favorável e prevenindo trabalho adicional.

Os Dias de Orientação são um programa semelhante, mas mais curto, para estudantes internacionais de graduação, e têm vindo a decorrer há muitos anos.

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Consideramos que a Semana de Acolhimento é importante porque, na maioria dos casos, constitui a primeira impressão que as/os estudantes internacionais têm da Universidade e da vida cultural em Mainz e na Alemanha em geral. Durante os InfoDias/Dias de Orientação, são recebidas/os e apresentadas/os à Universidade de Mainz, ao Gabinete Internacional, às pessoas de contacto nos departamentos, bem como a colegas estudantes e outros/as estudantes internacionais de intercâmbio/graduação. Por meio desta iniciativa, os/as estudantes de intercâmbio/internacionais têm com quem conversar quando ocorrem conflitos, embora outro objetivo deste evento seja apresentar a nova cultura e ajudá-los/as a evitar ou superar conflitos.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

O principal ponto forte deste evento é ser o primeiro contacto direto e pessoal que as/os novas/os estudantes terão. Elas/es podem vivenciar a cultura local sob orientação e não estão sozinhas/os perante os primeiros choques culturais, pois terão feito amizade com outras pessoas e, portanto, terão com quem conversar (especialmente no contexto académico).

Serão recebidos/as por pessoal técnico oficial, bem como por colegas estudantes, e farão parte de um grupo. Como mencionado acima, através desta iniciativa, uma boa base para a resolução de conflitos será criada, o que ajudará a evitar grandes conflitos e problemas.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

- É um evento bastante grande, onde, infelizmente, nem todos/as serão ouvidos individualmente e, possivelmente, nem todas/os poderão participar, se chegarem mais tarde.
 - As/Os estudantes que chegam à Universidade podem relacionar-se entre si e não se misturar com os locais (se se considerar isso um ponto fraco).
-

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Pessoas de contacto: *Colegas do Gutenberg International School Services e do International Office*

REFERÊNCIAS

Página oficial: <https://www.international-office.uni-mainz.de/infodays/>

Programa ou Edição Especial do Guia Prático no semestre digital 2020:
https://www.international.uni-mainz.de/files/2020/04/Practical-Guide_EN_SoSe_20.pdf

Grupo de Facebook „JGU Comes To You – Summer Semester 2020“
<https://www.facebook.com/jguinternationalstudents/>

2.1.2. Dia de Orientação

University of Social Sciences, Polónia

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

O Dia de Orientação (*Orientation Day*) é um evento obrigatório para estudantes internacionais do primeiro semestre. Durante todo o dia, as/os estudantes internacionais participam em vários encontros e ações de formação com representantes de diferentes departamentos da universidade. Aprendem a lidar com questões administrativas e formas de encontrar ajuda. Também assistem a uma palestra interativa sobre a cultura polaca (podem colocar perguntas), etc. À noite, podem participar numa reunião não formal com estudantes locais e internacionais dos semestres mais avançados.

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

O evento é organizado em cada Faculdade pelo Vice-reitor de Programas Internacionais da *Faculty of Management and Security Studies*, com a colaboração de estudantes locais e internacionais dos semestres mais avançados. É organizado ciclicamente no início do semestre de inverno para estudantes internacionais do primeiro semestre.

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais
- estudantes nacionais
- docentes
- pessoal técnico

FOCO TEMÁTICO

- cultura local
- idioma

CONTEXTO

- universidade

RECOLHA DE DADOS:

- observação

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Não é dada especial atenção à resolução de conflitos interculturais. No entanto, criar a oportunidade de aumentar a consciência de estudantes internacionais para políticas, regras e regulamentos da universidade, bem como para características básicas da cultura polaca, tem um impacto positivo, tanto na sua vida quotidiana no *campus* como nas suas realizações académicas, e também nas relações com os estudantes locais.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

O principal ponto forte é que muitos estudantes, tanto internacionais como locais, bem como docentes e pessoal técnico, apreciam a atmosfera do evento e é relativamente fácil incentivá-los/as a participar ativamente.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

O principal ponto fraco é que, embora o evento tenha um carácter cíclico, é organizado apenas uma vez por semestre, e apenas um número limitado de estudantes participa nele.

2.1.3. Campus Dialogue Sessions Program

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP)

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

As *Campus Dialogue Sessions* acontecem mensalmente, ao longo do ano letivo, na FEUP. Os diálogos são mecanismos eficazes e bem recebidos para envolver diferentes grupos e podem ajudar a identificar “defensores/as” em todo o campus para cumprir os objetivos e seguir em frente. O programa é realizado para melhorar a competência de comunicação intercultural e evitar conflitos interculturais junto de estudantes internacionais e estudantes locais. Cada sessão tem um assunto diferente, como „A minha vida como estudante de doutoramento” (ver foto abaixo)! A participação é gratuita e há um formulário *online* para inscrição.

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

O programa é frequentemente institucionalizado pela Faculdade. Pessoal técnico do Gabinete de Orientação e Integração (por exemplo, um/a psicólogo/a) e docentes (diretoras/es de departamento) são convidados/as a ter conversas com estudantes internacionais e locais. Estas e estes estudantes internacionais e locais podem falar sobre diferentes temas, de forma direta e frontal, com docentes e pessoal técnico do serviço de Mobilidade Internacional.

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- estudantes nacionais
- pessoal técnico

FOCO TEMÁTICO

- cultura local
- conflitos interculturais
- diversidade cultural

CONTEXTO

- universidade

RECOLHA DE DADOS:

- pesquisa documental
- autorrelato

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Os objetivos principais das *Campus Dialogue Sessions* são ajudar a internacionalizar a FEUP; promover uma mentalidade global em estudantes nacionais e pessoal técnico através de uma interação significativa e experiências partilhadas com estudantes internacionais; reduzir o isolamento de estudantes internacionais recém-chegados; providenciar-lhes apoio social; proporcionar uma forma de estudantes internacionais socializarem com indivíduos fora do seu grupo cultural e aprenderem com estudantes que têm experiência de adaptação ao país de acolhimento e à Universidade.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

Os diálogos são importantes por causa da sua essência, e os objetivos podem ser alcançados através da troca de informação que neles ocorre. Os/As estudantes podem obter informação sobre o novo sistema educativo e a cultura local do país de acolhimento. Os diálogos podem ajudar a evitar conflitos interculturais, aumentando a consciência sobre o país de acolhimento. As/Os estudantes sentem que há pessoas no serviço académico que as/os ouvem e preparam informação para as/os ajudar. Os diálogos também acontecem entre estudantes internacionais e estudantes locais, podendo ter um impacto positivo no aumento da competência de comunicação intercultural dos/as estudantes locais.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

Uma vez que a participação no programa não é obrigatória, muitos/as estudantes podem não estar ativos/as ou não se sentir incentivados/as. Podem também não estar cientes dos eventuais efeitos positivos do programa na sua vida académica e diária.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Esta informação foi autorrelatada por Laleh Esteki, antiga consultora do iPoint (*Intercultural Contact Point*), e validada por Carlos Oliveira, chefe dos Serviços de Imagem, Comunicação e Cooperação, professor assistente convidado na FEUP e responsável pelas atividades do iPoint.

REFERÊNCIAS

<http://fe.up.pt/ipoint>

<https://docs.google.com/forms/d/1GQFqliTcC2yRFivubDUeTvVBNmneLsDoiUpSjvbrASM/edit>



CAMPUS CONVERSATION SESSIONS

"MY LIFE AS A DOCTORAL STUDENT"

22 november 2018 - 16h00
FEUP, room I -105 (DEEC)

We are really pleased to invite you to attend our first conversation session **"My life as a doctoral student"**.

Why conversation?

Conversations are really effective and important mechanisms for engaging different groups and allowing them to share opinions and open up to the academic community.

We would like to

- . Provide an avenue for international students to socialize with individuals outside their cultural group and to learn from students who have experience adapting to the host country and university;
- . Reduce the isolation of newly arrived international students, and provides social support for them;
- . Foster a global mindset in Portuguese students and staff through meaningful interaction and share experiences with international students.

Participation is free, but enrolment is necessary. Please fill in the form below (the number of participants is limited):

goo.gl/forms/xzcfNAEszJYk09Fg1

Looking forward to seeing you!



2.2. Culturas e sabores: cidades, países e continentes

Numa segunda fase, há uma tentativa de aprofundar o conhecimento mútuo. Assim, o anfitrião mostra diferentes aspetos da cultura de acolhimento – a cidade, aspetos gastronómicos ... – e os/as estudantes internacionais são também convidados/as a apresentar-se e às suas culturas.

2.2.1. Visita à Cidade e Sarau Cultural

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

Esta atividade aconteceu em setembro de 2018, a meio da tarde. Teve início nas instalações da faculdade, por ser o ponto de encontro mais fácil e conhecido para os/as estudantes estrangeiros/as. A visita à cidade (*City Tour*) percorreu os pontos mais emblemáticos e históricos da urbe, explicando a sua existência, história e curiosidades. E terminou com um Sarau Cultural, que é um Festival de Música Académica, com grupos académicos da FLUP.

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

A atividade é orientada pela Associação de Estudantes da FLUP. Fica acordado que deve acontecer no início de cada ano, por ser o momento em que as/os estudantes mais precisam de algum contexto cultural académico e por ser a época do ano em que mais acedem às atividades da faculdade.

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

A atividade é cuidadosamente planeada para a integração de estudantes. O primeiro objetivo é garantir que novos/as estudantes saibam que existe uma comunidade para os/as receber e dar-lhes uma visão prévia do que vão sentir e experimentar. Eles e elas reúnem-se para se conhecerem, tomando consciência de que não estão sozinhos/as e de que há colegas a viver o mesmo. O segundo grande objetivo é apresentar-lhes a cidade e a cultura académica portuguesa.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

Os/As estudantes internacionais são informados/as sobre as faculdades, a cultura local e a cidade onde irão viver por algum tempo. Criar uma situação para ter conversas informais com outras/os estudantes internacionais e fazer amigas/os pode evitar conflitos interculturais. Eles/as também recolhem informação sobre outras culturas, para que possam ajudar a melhorar a sua competência de comunicação intercultural.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

Os/As estudantes podem não aparecer se não estiverem suficientemente motivados/as ou se se sentirem pouco à vontade para sair da sua zona de conforto.

REFERÊNCIAS

Lopes, Ana Filipa O. (2018). *The Integration Rituals of Mobility Students in Faculty of Arts and Humanities of University of Porto. Internship Report Masters in Intercultural Studies for Business*. Porto: Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Instituto Politécnico do Porto.

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- pessoal técnico

FOCO TEMÁTICO

- cultura local
- conflitos interculturais
- diversidade cultural

CONTEXTO

- universidade
- cidade do Porto

RECOLHA DE DADOS:

- pesquisa documental

2.2.2. Sete Cores, Sete Continentes

Vistula University, Polónia

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

Estudantes de diferentes países organizam *stands* nacionais e oferecem pratos nacionais tradicionais e lembranças. Usam roupas tradicionais, executam danças e canções tradicionais. Simultaneamente, são feitas apresentações sobre várias culturas nacionais. No final do evento, é organizada uma festa, com apresentação de bandas de música dos/as estudantes.

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

O evento é organizado na Universidade com a colaboração do órgão de governo estudantil. Tem um carácter cíclico, mas é organizado apenas uma vez por ano. A cada ano, diferentes pessoas são responsáveis pela organização.

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Não é dada especial atenção à resolução de conflitos interculturais. No entanto, a oportunidade de aumentar a consciência de estudantes, docentes, pessoal técnico e membros da comunidade local sobre diferentes culturas, tradições, valores e normas nacionais ajuda a criar uma melhor compreensão, reduzir as barreiras interculturais e superar estereótipos negativos.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

O principal ponto forte é que muitos/as estudantes, docentes e pessoal técnico apreciam a atmosfera deste evento e é relativamente fácil incentivá-los/as a participar ativamente.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

O principal ponto fraco é que, embora o evento tenha um carácter cíclico, é organizado apenas uma vez por ano, e apenas um número limitado de estudantes, docentes e pessoal técnico participa nele.

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- estudantes nacionais
- docentes
- pessoal técnico
- membros da comunidade local

FOCO TEMÁTICO

- cultura local
- diversidade cultural
- culturas nacionais de estudantes internacionais

CONTEXTO

- universidade

RECOLHA DE DADOS:

- observação

2.2.3. Oficina de cozinha

Cité Universitaire de Paris

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

A oficina de cozinha (*Cooking Workshop*) é uma atividade que promove a partilha e o intercâmbio entre pessoas de diferentes contextos culturais. Foi inspirado por um projeto europeu, ALCE – *Appetite for Learning Comes with Eating*. Em conjunto com a *Cité Universitaire de Paris*, o *élan interculturel* organizou oficinas de culinária com estudantes locais e internacionais. O ponto de partida foi a partilha de receitas importantes para cada participante, ligadas à sua cultura, à sua história. Em seguida, pequenos grupos de participantes foram convidados a criar uma receita com, pelo menos, um ingrediente de cada receita proposta pelos membros do grupo. Cada grupo fez a sua própria receita e apresentou o resultado aos outros grupos. Partilhar ingredientes e dicas de culinária deu a oportunidade de se reconhecerem uns aos outros como membros de “culturas” em sentidos múltiplos: países, regiões, famílias e também como indivíduos. Em paralelo com as novas receitas, os/as participantes também “cozinharam” novas conexões e uma experiência de colaboração positiva.

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

Esta atividade foi organizada na *Cité Universitaire de Paris*. No âmbito das estruturas da universidade, pode ser desenvolvida por associações (por exemplo, associação para estudantes internacionais) ou pode ser proposta pelas residências de estudantes ou outros locais (*no campus*).

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Esta atividade cria uma ligação entre todos/as os/as estudantes (locais e internacionais). Permite que estudantes internacionais criem laços sociais e encontros interculturais entre todas/os as/os estudantes. É uma atividade que também permite o intercâmbio e a partilha interculturais.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

- Encontro Intercultural: atividade para estudantes locais e internacionais que permite um encontro intercultural.
- Criar uma ligação entre todos/as os/as estudantes (importante para aqueles e aquelas que acabaram de chegar).
- Intercâmbio cultural: permite a troca em torno da cultura de cada um/a e a partilha da sua própria história cultural, com uma abordagem original.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

- Dificuldade em atrair participantes, especialmente estudantes locais que podem não querer conhecer novas/os estudantes, porque não precisam de se encaixar. Além disso, nem todos/as estão interessados/as em cozinhar.
- Se não houver participantes suficientes, isso pode ser um problema para a realização bem-sucedida da oficina. Se houver apenas estudantes internacionais, não há encontro intercultural.
- Requer equipamento (uma cozinha suficientemente grande para acomodar todas as pessoas).

REFERÊNCIAS

<https://cesie.org/en/project/alce/>

<https://epale.ec.europa.eu/en/resource-centre/content/alce-appetite-learning-comes-eating>

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- estudantes nacionais

FOCO TEMÁTICO

- cultura local
- diversidade cultural

CONTEXTO

- universidade

RECOLHA DE DADOS:

- entrevista com a pessoa organizadora das oficinas

2.3. Redes de socialização e mentoria

O terceiro tipo de atividades visa aprofundar a relação de estudantes internacionais com pares (tutores/as e mentores/as) com mais experiência na universidade de acolhimento, para que o apoio prestado seja mais eficaz, mais próximo e mais prolongado no tempo.

2.3.1. Programa *Buddy*

Universidad Carlos III de Madrid

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

O Programa *Buddy* consiste em um/a estudante local ser tutor/a de um/a estudante internacional durante a sua permanência. O/A estudante local contacta o/a estudante internacional antes da estada. Este programa é implementado por uma universidade de acolhimento. O objetivo é ajudar o/a estudante internacional em relação a questões práticas: conhecer a universidade e o *campus*, fazer perguntas sobre a vida na cidade de acolhimento, participar em atividades dentro e fora do campus, conhecer pessoas locais e praticar o idioma.

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

Este programa é implementado pela Universidade, mas não se limita à vida no *campus* nem à duração da mobilidade internacional. O Programa *Buddy* pode ser uma forma de conhecer uma cidade do ponto de vista de um/a estudante local, conhecer pessoas locais e participar em atividades fora do *campus*. As/Os estudantes têm a opção de se inscreverem ou não.

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- estudantes nacionais

FOCO TEMÁTICO

- cultura local
- idioma

CONTEXTO

- universidade

RECOLHA DE DADOS:

- pesquisa documental

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Este programa permite que as/os estudantes internacionais tenham acesso fácil a informação sobre a vida no *campus* (cursos, questões administrativas), mas também sobre a cultura local, e que tenham alguém que possa explicar-lhes situações que eles achem difíceis de entender (choque cultural). Seria interessante tornar esta estratégia prioritária, uma vez que envolve tanto o nível universitário como o externo (encontro com residentes locais, realização de atividades fora da universidade) e não apenas estudantes internacionais. A/O estudante internacional tem alguém em quem pode confiar, se necessário, e não apenas em relação a questões universitárias.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

Poder ser ajudado/a por alguém familiarizado/a com a vida universitária (questões administrativas, funcionamento da universidade, inscrição no curso), mas também com a cultura e o modo de vida locais. Além disso, é uma forma de melhorar as suas competências linguísticas.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

- Não conhecer a pessoa pode ser um problema se os dois estudantes não forem compatíveis.
- O problema do comprometimento do/a *buddy* local, se essa pessoa não estiver suficientemente envolvida e limitar o seu papel à apresentação da universidade de acolhimento. Se o/a *buddy* não o/a apresentar a outras pessoas locais.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

[Avaliação: Nada de que tenhamos conhecimento. A universidade está à procura de pessoas que estejam motivadas e se possam comprometer. O mesmo para a/o estudante internacional que pedir para participar neste programa. Espera-se que participem nas atividades com o seu/a sua *buddy*.]

REFERÊNCIAS

<https://www.uc3m.es/ss/Satellite/UC3MInstitucional/en/TextoMixta/1371220461929/>

2.3.2. Programa Buddy – ESN

University of Vienna, TU Vienna, Salzburg, Innsbruck, FH BFI Wien etc.

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

O *Buddy System* liga estudantes Erasmus e estudantes locais e baseia-se nos princípios do trabalho voluntário e do intercâmbio intercultural. O programa visa, por um lado, ajudar estudantes recém-chegados/as a instalarem-se, principalmente nas primeiras semanas, quando confrontados/as com um país diferente, idioma e novos hábitos (processos de adaptação cultural). Por outro lado, o *Buddy System* pretende fazer amizades na comunidade estudantil local e expandir a experiência Erasmus durante a estada no estrangeiro.

As/Os *buddies* são estudantes locais que desejam receber estudantes Erasmus e ajudá-los/as a instalar-se no seu novo ambiente. Isto significa, por exemplo, responder a perguntas antes da sua chegada, ajudar a encontrar o caminho pela cidade, ou simplesmente acompanhar e apoiar a entrada na vida académica. A *ESN Buddy Network* oferece várias atividades diferentes: semana de boas-vindas e evento de lançamento (por exemplo, passeio pela universidade, jantar de boas-vindas, *speed friending*, *pub quizzes*, festa de boas-vindas, safari fotográfico, passeio pela cidade), iniciativas diversas (*karaoké* internacional, dia do museu, cursos de dança de salão, provas de vinhos, etc.) e viagens (pela zona circundante e para países vizinhos).

CARACTERIZAÇÃO



DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- estudantes nacionais



FOCO TEMÁTICO

- diversidade cultural



CONTEXTO

- universidade



RECOLHA DE DADOS:

- pesquisa documental
- entrevista telefónica

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

Na Áustria, o programa *ESN Network Buddy* funciona como uma associação de estudantes independente com uma direção; no entanto, a rede funciona internacionalmente. A maioria das universidades austríacas aloja uma filial da *ESN Network*. A associação de estudantes está ligada aos Gabinetes Internacionais no âmbito da mobilidade internacional de estudantes ou do trabalho com estudantes recém-chegados/os. As/Os estudantes locais agem como *buddies* numa base voluntária. O programa tem lugar regularmente para todos/as os/as estudantes Erasmus, mas também para outros/as estudantes internacionais. A maioria das atividades de boas-vindas acontece no início do semestre.

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Muitas e muitos estudantes gostam dos eventos e consideram-nos bem organizados, e as pessoas são amigáveis, de modo a que haja um bom ambiente. No entanto, não parece ser dada particular atenção aos conflitos interculturais – os/as *buddies* podem não ser formados/as para isso de uma forma extensiva. No entanto, as/os *buddies* estão institucionalmente ligadas/os ao Gabinete Internacional e podem pedir aconselhamento em caso de conflito. Muito do intercâmbio cultural é baseado em atividades e experiências comuns, mas não há um supervisor especial. Falar sobre conflitos culturais pode ser mais implícito do que explícito e pode nem sempre ser refletido pelos/as *buddies*.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

O *ESN Buddy Program* é um exemplo típico e clássico de encontros organizados entre estudantes locais e internacionais na Áustria, oferecidos em diferentes universidades, em Viena, Salzburgo, Innsbruck, etc. Para estudantes internacionais, a *ESN Buddy Network* é uma boa estratégia para se estabelecer e estar preparado/a em relação a assuntos organizacionais e administrativos, mas também de uma perspetiva psicológica, para conhecer muitos/as outros/as estudantes internacionais e locais. Os/As estudantes internacionais podem ter acesso a diferentes tipos de recursos – emocional, psicológico, administrativo e conhecimento local. As/Os estudantes locais podem apoiá-los/as na sua vida estudantil e privada, enquanto estudam no estrangeiro.

As/Os membros da direção da *ESN Network* apresentam-se nas salas de aula de todas as faculdades e angariam membros para o semestre. Atualmente, na *University of Applied Sciences BFI Vienna*, por exemplo, a rede contém mais estudantes locais do que estudantes internacionais, porque os/as estudantes locais estão muito interessados/as em aderir a esta rede dinâmica. Como exemplo da vivacidade da rede da *University of Applied Sciences BFI Vienna*, as/os estudantes entrevistaram recentemente estudantes internacionais sobre as suas experiências, depois de regressarem da sua estada no exterior. Eles e elas forneceram os resultados das entrevistas de forma estruturada e criativa, num *podcast* online, ao qual outros/as estudantes podem agora assistir.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

Há alguma pesquisa sobre o *ESN Buddy Program* noutras universidades (e.g., Nilsson, 2019). Em algumas universidades, os membros da direção mudam mais frequentemente do que noutras. Quando isso acontece, há um grande risco de perda de informação relevante e capital social. Os novos membros da direção estudantil geralmente precisam de um semestre para assumir a responsabilidade total das atividades. Os resultados da pesquisa de avaliação indicam uma variabilidade entre diferentes dimensões de integração social para estudantes internacionais: pode haver mais sucesso na integração de estudantes internacionais em atividades sociais dentro do programa, ao passo que encontrar estudantes locais em número suficiente parece ser mais difícil para algumas universidades.

REFERÊNCIAS

Páginas:

<https://www.tuwien.at/en/studies/international/incoming-exchange-students/studies/esn-buddynetwork-tu-wien/>

<https://boku.ac.at/en/international/themen/international-students-coming-to-boku/auftakt-an-der-boku-willkommenstage-und-andere-veranstaltungen>

Artigos publicados:

Nilsson, P. A. (2019). The Buddy Programme – Integration and social support for international students. *Journal of Comparative & International Higher Education*, 11(Winter), 36-43.

2.3.3. Fremde werden Freunde (Estrangeiros/as tornam-se amigos/as) / FWF

Johannes Gutenberg University Mainz (JGU), Hochschule Mainz (HS Mainz)

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

O objetivo da iniciativa Estrangeiros/as tornam-se amigos/as (*Fremde werden Freunde*, FWF) é estabelecer contacto entre estudantes internacionais e pessoas da região.

Para poder testemunhar a vida quotidiana de cidadãos/ãos alemães/ães, o contacto com estudantes alemães/ães muitas vezes não é suficiente, porque, com frequência, a vida estudantil difere muito da vida quotidiana de cidadãos/ãos não estudantes.

O "FWF" oferece a estudantes internacionais a oportunidade de conhecer a "vida real" do país em que estudam. Como é do conhecimento geral, isto funciona melhor por meio de contacto direto com residentes.

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

Este programa não é oferecido pela própria Universidade de Mainz, mas pela Residência estudantil (*Studierendenwerk*) e está aberto a estudantes da JGU Mainz, HS Mainz e TH Bingen e cidadãos/ãos locais da região de Mainz e Bingen.

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- estudantes nacionais
- locais / cidadãos



FOCO TEMÁTICO

- cultura local



CONTEXTO

- vida quotidiana



RECOLHA DE DADOS:

- pesquisa documental
- entrevistas com estudantes
- colegas que fazem parte do programa

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Esta oferta, através da qual estudantes internacionais e locais e residentes entram em contacto uns com os outros, é uma prioridade importante para poder aprender sobre as culturas locais e outras, num contexto de pequena dimensão. Uma boa possibilidade para falar sobre incidentes críticos e zonas sensíveis.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

O contacto com habitantes locais, não estudantes.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

A coordenação dos encontros e a procura de pessoas adequadas consomem mais tempo do que um grande evento, que atinge muitas pessoas ao mesmo tempo.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Pessoas de contacto: Pessoal da Residência Estudantil (*Student Housing*)/Associação de estudantes.

REFERÊNCIAS

<https://www.studierendenwerk-mainz.de/fwf>

Grupo de Facebook

<https://www.facebook.com/groups/722984724743047/>

2.3.4. Programa Transversal de Mentoria Interpares da U.Porto

Universidade do Porto

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

O Programa de Mentoria Interpares da Universidade do Porto visa apoiar, na nova fase do seu percurso académico, estudantes nacionais e internacionais que ingressem pela primeira vez nesta instituição de Ensino Superior (mentorados/as). Os/As mentores/as, por sua vez, são estudantes nacionais ou internacionais que frequentam os diversos ciclos de estudos da U.Porto há pelo menos um ano e que, voluntariamente e sem qualquer remuneração, decidam participar no Programa de Mentoria Interpares da U.Porto, na respetiva Unidade Orgânica (ou seja, faculdade ou instituto). Geralmente, todas as pessoas mentoradas são acompanhadas no seu percurso pelo/a mentor/a atribuído/a a cada um/a deles/as, podendo ocorrer alterações, quando justificadas, com a aprovação da equipa coordenadora responsável (composta por docentes).

Em cada Unidade Orgânica, são realizadas várias atividades frequentes ao longo de cada ano letivo, nomeadamente:

- Seminário(s) de formação para mentores/as sobre Mentoria e ser Mentor/a, e sobre os diferentes serviços e recursos de cada Unidade Orgânica e da Universidade do Porto;
- Acolhimento de novos estudantes, auxiliando-as/os na integração nos respetivos ciclos de estudos, faculdades e U.Porto, promovendo a sua inscrição como mentorados/as, e acompanhando-os/as durante o primeiro ano de estudos na U.Porto (no mínimo);
- Organização das relações entre mentor/a e mentorado/a, tendo em conta o número de estudantes inscritos no Programa e o funcionamento de cada Unidade Orgânica, privilegia o desenvolvimento das condições mais adequadas para o estabelecimento de relações solidárias e de respeito mútuo entre pares;
- Promoção de encontros/momentos de socialização e atividades diversas, ao longo do ano letivo, abordando as necessidades e interesses de mentoradas/es e mentorados/os de cada Unidade Orgânica e o seu envolvimento na organização destes eventos;
- Participação em, e planeamento de, atividades transversais ao Programa de Mentoria Interpares da Universidade do Porto. (Ver Despacho nº GR.09 / 09/2020, pp. 6-7).

Além da formação para mentoradas/es (ver, como exemplo, o *webinar* disponível em <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=67YQjIMcQoU>)⁶, o Programa inclui também a formação de docentes das várias faculdades e oficinas de partilha de experiências para participantes na Mentoria.

Do ponto de vista concetual, há três eixos transversais e estruturantes neste Programa de Mentoria. O primeiro evidencia o seu caráter institucional, ou seja, o reconhecimento, pela Universidade, da sua “responsabilidade institucional [...] pelos processos de acolhimento, integração e vivência social e académica de todos/as os/as estudantes (nacionais e internacionais) que a frequentam.” (Torres et al., 2020, p. 340).

O segundo eixo aponta para o “Envolvimento voluntário de estudantes e cooperação interpares”, com o objetivo de apoiar e incluir novas e novos estudantes, estimular “práticas salutaras e democráticas de vivência no ensino superior” e construir “redes e de relações solidárias.” (Torres et al., 2020, p. 340).

O terceiro eixo está relacionado com a “Dimensão Pedagógica e Formativa” deste programa, que é coordenado por docentes que acompanham toda a atividade de mentoria, fomentando a iniciativa e a autonomia de mentores/as e mentorados/as, a criação de redes democráticas de relações entre pares e formas solidárias de viver a U.Porto. O desenvolvimento de diferentes conhecimentos e competências transversais, associados ao papel de “ser mentor”, é muito significativo, reforçando a importância da dimensão pedagógica da Mentoria e do papel da/o docente.

Em termos de dimensão, e no corrente ano letivo (2020/2021), o Programa conta com a participação de cerca de 2000 mentoradas/es, um número maior (e crescente, pois ainda há novos/as estudantes a chegar) de mentorados/os, e mais de 100 docentes.

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais
- estudantes nacionais
- docentes

FOCO TEMÁTICO

- cultura local
- diversidade cultural

CONTEXTO

- universidade

RECOLHA DE DADOS:

- pesquisa documental
- entrevistas com pessoal técnico/docentes/ Investigadores/as

⁶ Um exemplo é também o 1º Encontro do Programa de Mentoria Interpares da U.Porto, realizado em fevereiro de 2019, que contou com intervenções de mentores/as de todas as faculdades e residências de estudantes. Cerca de 500 participantes estiveram presentes neste encontro (<https://up.pt/mentoriaup/2020/02/12/o-i-encontro-do-programa-mentoria-interpares-da-u-porto-em-imagens/>). Deve salientar-se, no entanto, que o aspeto mais importante da formação de mentoradas/es não é o curso de 3 horas (ainda que seja importante). É antes um processo de educação contínua, ao longo do ano, marcado por encontros, experiências, relações...

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

O Programa de Mentoria teve início em 2011, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). Posteriormente, o curso de Engenharia Civil, da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), solicitou o apoio da FPCEUP para o lançamento de um programa de mentoria. Em 2019, a Vice-Reitora para a Formação, Organização Académica e Cooperação, conhecendo o programa em curso na FPCEUP e na FEUP, solicitou uma proposta para o alargar a toda a U.Porto. Aprovado pelo Reitor em junho de 2019 (e este reconhecimento do Reitor é muito importante, pois mostra que o Programa não é fruto apenas da boa vontade de um grupo de docentes), o Programa abrange atualmente 12 das 14 Unidades Orgânicas da U.Porto e também as residências universitárias.

Conforme já foi referido, o Programa de Mentoria Interpares da U.Porto assenta na responsabilidade institucional da Universidade do Porto e das suas Unidades Orgânicas pelos processos de acolhimento e integração pessoal, social e académica de todos e de todas os/as novos/as estudantes, nacionais ou internacionais. Isto significa assumir que a universidade não pode eximir-se da responsabilidade de integrar adequadamente as/os novas/os estudantes.

Na operacionalização do Programa de Mentoria, a Universidade do Porto e as Unidades Orgânicas operam com diferentes funções e responsabilidades através dos seus órgãos de gestão, nomeadamente os conselhos pedagógicos, as direções de ciclos de estudos, as/os docentes e as/os estudantes participantes no programa. Este aspeto é muito importante, uma vez que, sendo transversal, o Programa tem de se adaptar às especificidades de cada faculdade (que variam muito, por exemplo, a nível do número de departamentos, docentes e estudantes, cursos ministrados). O Programa não pode ser transferido de um contexto para outro sem considerar a sua adequação a cada realidade específica.

Para a coordenação institucional e transversal do Programa de Mentoria da U.Porto, foi criada a seguinte estrutura pela Reitoria, “que visa a valorização, o acompanhamento e a avaliação regular do Programa, com um funcionamento tão flexível quanto possível:

- Coordenação Geral Transversal: Vice-Reitora para a Formação, Organização Académica e Cooperação;
- Comissão Científico-Pedagógica: Docentes promotoras do Programa original na FPCEUP e na FEUP [...];
- Comissão Coordenadora Transversal: um a dois representantes de cada Faculdade, indicado(s) pelo respetivo Conselho Pedagógico ou Diretor/a, de entre os docentes envolvidos na dinamização do Programa de Mentoria Interpares;
- Secretariado de Apoio: Técnico especialmente contratado para o efeito;⁷
- Comissões de Faculdade: composição a indicar pela respetiva Direção ou Conselho Pedagógico, com a necessária inclusão do(s)/a(s) docente(s) que integra(m) a Comissão Coordenadora Transversal.” (Despacho nº GR.09 / 09/2020, pp. 3-4).

Todas as partes interessadas estão empenhadas na divulgação do Programa Transversal de Mentoria Interpares da U.Porto, no respeito e na implementação dos seus objetivos e princípios orientadores para a realização de ações de acolhimento e integração de estudantes e atividades diversificadas ao longo do ano letivo. A implementação do Programa implica a dinamização de espaços de formação e acompanhamento das diferentes equipas de cada faculdade e a definição de estratégias de acompanhamento e avaliação. Momentos de intercâmbio cultural e ações de formação estendidos a todos os centros locais devem ser incentivados para partilhar e disseminar diferentes práticas e criar uma Comunidade de Mentoria da U.Porto.

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

O Programa promove diversas competências pessoais transversais, como a atenção à outra pessoa, a compreensão e o respeito pela diferença e dignidade de cada um/a, a capacidade de ajudar e partilhar conhecimentos e competências, bem como a identificação de possibilidades de desenvolvimento pessoal e coletivo, tanto a nível técnico, como cultural e social. Promove também valores tão importantes como solidariedade, reciprocidade, cooperação...

Em relação à interculturalidade, vários mentores e mentoras são estudantes internacionais, principalmente brasileiros e brasileiras. Às vezes, o contacto entre a pessoa mentora e a pessoa mentorada começa antes de as/os estudantes internacionais chegarem à universidade. Essa relação pode ser realizada em vários idiomas: português, espanhol, inglês, entre outros.

Como o processo de integração nem sempre é fácil, a Mentoria ajuda a contornar essas dificuldades. Algumas e alguns estudantes nacionais tendem a não facilitar a integração de estudantes internacionais, seja por receio de que isso as/os penalize na avaliação ou por preconceito. Por sua vez, as/os estudantes internacionais têm os seus próprios espaços de socialização e encontro. Muitas vezes, vivem juntos/as, o que acaba por fazer com que interajam principalmente entre si e não com estudantes nacionais. Além disso, alguns são muito jovens, estão longe das suas famílias, o que implica uma atenção especial. Adicionalmente, a pandemia agravou todas essas dificuldades, em resultado da diminuição das atividades académicas presenciais.

A atenção à outra pessoa que as mentoras e os mentores aprendem a desenvolver é um impacto fundamental do Programa. Na verdade, contribui para resolver problemas de outra ordem: dúvidas académicas, ansiedades existenciais, problemas económicos, entre muitos outros.

7 This technician is a former international student, who did a research, within the Master of Education Science, on the FPCEUP's mentoring program.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

A Dimensão Pedagógica e Formativa é uma das maiores forças, como já foi referido, pois evidencia o caráter formativo deste Programa. Não se trata apenas de uma dinâmica de integração, mas também de um projeto de aprendizagem complexo e transversal. Deste modo, esta dimensão pedagógica e formativa é “assegurada através: a) do envolvimento voluntário de docentes responsáveis por acompanhar e monitorizar as práticas instituídas; b) da dinamização de processos colaborativos e solidários de formação; c) do estímulo da autonomia dos/as estudantes e da sua capacidade de análise e reflexão crítica; d) da construção de relações de apoio eticamente equitativas e solidárias e do compromisso com a construção de uma identidade coletiva inclusiva; e) da promoção do desenvolvimento de competências transversais e sociais.” (Torres et al., 2020, pp. 340-341)

Num questionário respondido por 460 mentoras/es e 544 mentoradas/os, 79% de mentores/as e 81% de mentorados/as referem estar satisfeitos/as ou muito satisfeitos/as com o Programa. E, acima de tudo, valorizam as seguintes quatro dimensões: (i) apoio académico (e.g., disponibilização de materiais pedagógicos, indicação de estratégias/métodos mais adequados para o sucesso, “como será o exame?”), (ii) apoio emocional (e.g., falar, ouvir as confidências de alguém, dar conselhos), (iii) integração social (e.g., um convite para a mentoria, atividades de lazer, encontros sociais, integração em grupos) e (iv) apoio junto de serviços da Faculdade e da Universidade (ver Medina et al., 2020).

Assatisfação com o Programa é, de facto, um aspeto muito positivo. As/Os estudantes inscrevem-se muitas vezes como mentoras/es porque desejam retribuir algo que era muito importante para elas/es como mentoradas/os. Muito frequentemente, também, a relação de mentoria continua ao longo do curso, embora, formalmente, só se aplique ao primeiro ano.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

Este Programa exige um esforço muito significativo de voluntários/as e de docentes que o coordenam. E se, para os/as estudantes, é reconhecido na forma de suplemento ao diploma (é curioso que a maioria dos/as estudantes nem o solicita, o que mostra que a sua dedicação ao Programa não é instrumental), para os/as docentes, e quanto à carreira, pode ser percebido pelas outras pessoas – não pelas pessoas envolvidas – como uma “perda de tempo”, pois não é devidamente reconhecido, por exemplo, no processo de avaliação de docentes (quando comparado com a publicação de artigos ou a participação em projetos científicos financiados, por exemplo).

Outro aspeto a melhorar é o acompanhamento da relação entre mentor/a e mentorado/a, a fim de perceber se está a funcionar. Se existisse um suporte técnico mais amplo, seria possível fazê-lo. Caso contrário, é muito difícil.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

A entrevista foi realizada com a Professora Teresa Medina, professora assistente da FPCEUP e investigadora do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE). Vice-Presidente do Conselho Pedagógico da FPCEUP. Coordenadora do Conselho Científico Pedagógico do Programa Transversal de Mentoria Inter pares da Universidade do Porto, Coordenadora da Mentoria FPCEUP, membro da Coordenação da Rede Portuguesa de Mentoria/Tutoria Inter pares no Ensino Superior e membro da *Junta Diretiva da Rede Iberoamericana de Mentoria* (RIME). Principais áreas de investigação/intervenção – Mentoria no ensino superior, educação/formação de jovens e adultos, educação e trabalho, educação e movimentos sociais.

REFERÊNCIAS

<https://up.pt/mentoriaup/>

https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=MENTORIA_APRESENTACAO

Despacho N.º GR.09/09/2020, Aprova a Alteração aos Princípios Orientadores do Programa Transversal de Mentoria inter pares da Universidade do Porto (disponível em https://sigarra.up.pt/up/pt/LEGISLACAO_GERAL.ver_legislacao?p_nr=33953)

Medina, Teresa; Ferreira, Elisabete; Pinto, Isabel; Barbosa, Raquel; Ribeiro, Isabel; Duarte, Teresa; Torres, Flora (2020). *Programa Transversal de Mentoria inter pares da Universidade do Porto, Mentoria U.Porto. Relatório referente ao processo de implementação e ao ano letivo 2019-2020*. Disponível em https://up.pt/mentoriaup/wp-content/uploads/sites/496/2020/09/Relatorio_Ment_UPorto_apresentacao.pdf.

Torres, Flora; Medina, Teresa; Pinto, Isabel R.; Ferreira, Elisabete; Barbosa, Raquel (2020). Mentoria FPCEUP – Processos participativos, democráticos e solidários de integração no ensino superior (Universidade do Porto – UPORTO). In Carlos Eduardo Dias, Michelle Toti, Helena Sampaio, Soely Polydoro (Orgs.), *Os serviços de apoio pedagógico aos discentes no ensino superior brasileiro* (pp. 337-355). São Carlos: Pedro & João Editores.

2.4. Idioma

Estas atividades centram-se num aspeto cultural crucial: o idioma. Como já foi referido, este é muitas vezes um desafio de comunicação, especialmente quando as pessoas anfitriãs e estudantes internacionais não dominam a mesma língua.

2.4.1. Café da Língua

Université d'Orléans

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

Estudantes locais e internacionais são convidados/as a encontrar-se num bar no centro da cidade para conviver e discutir enquanto tomam uma bebida. O objetivo é conhecer novas pessoas, criar um encontro intercultural e principalmente praticar uma língua estrangeira.

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

O Café da Língua (*Language Café*) é organizado por uma organização universitária, mas não acontece dentro do ambiente universitário. Pessoas estrangeiras, não necessariamente estudantes, também podem participar no Café da Língua para praticar o seu francês ou aprender outro idioma. Acontece a cada duas semanas.

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Os/As estudantes internacionais têm a oportunidade de conhecer os/as locais, falar o idioma do país de acolhimento, ou outro idioma, e fazer perguntas sobre a cultura e a vida de residentes locais. Esta é uma prática muito boa para encorajar intercâmbios e encontros interculturais.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

O facto de as reuniões não serem realizadas no ambiente universitário pode favorecer trocas menos formais.

O Café da Língua também é vantajoso para estudantes locais, pois permite-lhes melhorar as suas competências linguísticas e, portanto, incentivar o intercâmbio e o conhecimento de novas pessoas, o que nem sempre é o caso, pois não procuram necessariamente conhecer novas pessoas.

Encontros interculturais: estudantes internacionais têm a oportunidade de conversar ao longo de várias horas com estudantes locais, sobre qualquer assunto que desejem. O intercâmbio é duplamente vantajoso, já que todas as pessoas participantes podem aprender sobre uma cultura diferente e aprimorar as suas competências linguísticas. É uma boa forma de trocar experiências.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

Os encontros acontecem apenas a cada duas semanas. Não há a garantia de ver as mesmas pessoas novamente, o que pode dificultar a criação de conexões significativas.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Pessoa de contacto: Estudante francês, 23 anos

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- estudantes nacionais
- outras pessoas estrangeiras no país de acolhimento



FOCO TEMÁTICO

- cultura local
- idioma
- diversidade cultural



CONTEXTO

- Não universitário (bar).



RECOLHA DE DADOS:

- entrevista com um estudante

2.4.2. Aprendizagem Tandem/Linguagem Tandem

University of Vienna, Technical University Vienna, Vienna University of Economics and Business, University of Natural Resources and Life Sciences Vienna, entre outras

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

A Aprendizagem Tandem (*Tandem Learning*) é um projeto recíproco de aprendizagem de línguas – as/os estudantes são emparelhadas/os com um/a falante nativo/a da língua-alvo (neste caso, alemão), para que possam aprender em conjunto. Isso significa que estudantes com experiência em idiomas diferentes ensinam-se uns aos outros. Não há custo financeiro envolvido e ambas as partes podem tirar partido, independentemente do seu nível linguístico. Podem encontrar-se para estudar em conjunto, praticar a conversação, discutir problemas com os idiomas e saber mais sobre a cultura do/a parceiro/a, mas também podem apoiar-se mutuamente. Ferramentas online como e-mail no telemóvel, Skype ou telemóveis podem apoiar a Aprendizagem Tandem.

Como podem as/os parceiras/os aprender? Não há restrições para a aprendizagem. Os/As parceiros/as *tandem* podem usar livros didáticos e cadernos de exercícios e trabalhá-los. Também podem usar meios de comunicação social e trabalhar com eles (e.g., jornais, programas de rádio, vídeos, *podcasts*, livros, etc.). A prática de aprendizagem é estruturada principalmente em diálogos sobre determinados temas e conversas entre si. O método usado depende da experiência e do contexto dos parceiros, dos seus interesses e oportunidades e, claro, dos objetivos de aprendizagem do *Tandem Learning* e do conhecimento prévio dos parceiros em relação ao idioma.

CARACTERIZAÇÃO

-  **DESTINATÁRIOS/AS**
 - international students with
 - national students
-  **FOCO TEMÁTICO**
 - language
-  **CONTEXTO**
 - university
-  **RECOLHA DE DADOS:**
 - desk research

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

O programa é muitas vezes institucionalizado em universidades específicas, nos seus centros linguísticos ou em associações de estudantes. Os/As parceiros/as falantes nativos/as são voluntários/as. O objetivo é que ambos/as os/as parceiros/as se beneficiem mutuamente e ampliem as suas competências linguísticas. Neste sentido, a extensão e a duração de uma parceria *tandem* linguística dependem das parceiras/os e da sua motivação para a participação ou da duração da estada no estrangeiro.

Muitas vezes, a universidade fornece apenas a plataforma *online*, onde estudantes interessados/as numa parceria podem inscrever-se, mas também pesquisar e encontrar um/a parceiro/a. A parceria é então auto-organizada e a universidade não se envolve no processo posterior e não assume a responsabilidade pelas parcerias. Noutros casos, a Aprendizagem Tandem é institucionalizada num programa completo. Em seguida, o processo de inscrição é monitorizado pela universidade e oferece encontros com algumas dicas para a Aprendizagem Tandem e a oportunidade de conhecer outras e outros participantes do programa, para que ocorra um intercâmbio intercultural com mais pessoas. Este programa também envolve estudantes em objetivos explícitos para o processo de aprendizagem, escrevendo um diário como documentação do processo de aprendizagem e fazendo tarefas de reflexão, por exemplo, após filmarem as suas reuniões. Em alguns estudos, a participação na Aprendizagem Tandem também é reconhecida com créditos.

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

A Aprendizagem Tandem concentra-se principalmente na melhoria das competências linguísticas – o desenvolvimento da competência da diversidade ou da competência intercultural é mais um efeito colateral. As abordagens didáticas com foco na Aprendizagem Tandem parecem ser altamente desenvolvidas e profissionais. No entanto, os conflitos interculturais podem não ser um conteúdo explicitamente discutido – e também podem depender da conceção do programa específico de Aprendizagem Tandem e do foco dos/as docentes de línguas.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

Estudantes, docentes e investigadoras/es que planeiam uma estada no estrangeiro podem contactar com alguém no futuro país de acolhimento antes do início da estada (pré-partida). Isto ajuda-os/as a melhorar as suas competências linguísticas e a obter uma visão sobre a cultura, a mentalidade e o ambiente social do país. A Aprendizagem *Tandem* também é uma maneira conveniente de manter as competências linguísticas adquiridas anteriormente e de fazer contacto com falantes nativos/os. A Aprendizagem *Tandem* de Línguas é gratuita e flexível, de acordo com o tempo e o local (também é possível *online*), pois é baseada em parcerias voluntárias entre aprendentes de línguas.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

A participação na Aprendizagem *Tandem* de Línguas exige muita motivação, porque é auto-organizada. Neste sentido, o apoio de parcerias por um/a docente profissional e reuniões supervisionadas são uma boa opção para construir parcerias sustentáveis entre estudantes, mas também para resolver possíveis conflitos interculturais que ocorram.

REFERÊNCIAS

Páginas:

<https://sprachzentrum.univie.ac.at/en/language-swap/>

<https://boku.ac.at/en/international/themen/sprachkurse/tandem><https://www.tuwien.at/en/studies/international/incoming-exchange-students/studies/tandem/>

<https://www.wu.ac.at/lrc/tandem-learning>

<https://www.hmdw.ac.at/index.php/de/auslaenderinnen/sprach-u-kulturtandem>

<https://www.oeh.univie.ac.at/vertretung/referate/oeh-office-antiracism-work-referat-fuer-antirassistische-arbeit#field-collection-item-field-textblock-295>

2.4.3. Gutenberg International School (GIS) – Cursos para estudantes de intercâmbio

Johannes Gutenberg University Mainz (JGU), Alemanha

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

Gutenberg International School Services (GIS Services) são uma unidade do Gabinete Internacional (*International Office*), que tem sido o principal contacto para estudantes estrangeiros/as que chegam à JGU (*campus de Mainz*), desde 2017. O Gutenberg International School Services (GIS), fundado no mesmo ano, constitui um programa de cursos para estudantes que têm como objetivo principal melhorar as suas competências na língua alemã ou que estudam apenas em inglês e podem ter problemas para ganhar créditos suficientes nas suas respetivas áreas de estudo, se a oferta de cursos em inglês for insuficiente. Os cursos GIS em inglês devem ser complementares para as/os estudantes, mas também podem ser realizados como um programa de semestre inteiro, uma vez que quase todos os cursos são abertos para estudantes de intercâmbio de todas as disciplinas. Outro objetivo é aumentar o número de cursos com salas de aula internacionais para trazer perspetivas e opiniões mais diversas e para promover o intercâmbio intercultural.

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

- Considerado parte da universidade e um importante ponto de contacto para estudantes internacionais
- Programa: cursos para aprender alemão (cursos de línguas, aulas de leitura, aulas de conversação, aulas de história alemã)
- Programa dos cursos em inglês: foco em história e cultura e ciências sociais e sociedade
- Os cursos foram frequentados, até agora, por, provavelmente, mil estudantes, nos 4 anos de existência do GIS (estudantes regulares JGU e estudantes de intercâmbio)
- Sustentabilidade, uma vez que a maioria dos cursos foi testada e bem recebida pela comunidade estudantil (boas avaliações)
- Impacto adicional: boa ferramenta de recrutamento e marketing - conduziu a novas cooperações com um parceiro internacional e aumentou o interesse de potenciais estudantes de intercâmbio (em combinação com o apoio mais eficiente e pessoal, através dos Serviços GIS)

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Salas de aula internacionais, visão mais abrangente sobre outras perspetivas e opiniões, aprender a ser mais reflexivo/a.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

Por meio desta oferta, a Universidade apresenta um programa especial para estudantes que não possuem um bom domínio do alemão, mas que podem vir para Mainz. Estudantes de muitos países diferentes podem aprender uns/umas com os/as outros/as: um cenário perfeito para encontros interculturais entre estudantes.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

Dependente de financiamento e recrutamento de docentes por disciplina, o que pode ser muito difícil, uma vez que há pouca capacidade de incluir partes do programa nos currículos regulares.

COMENTÁRIOS ADICIONAIS

Pessoas de contacto: *Colegas do Gutenberg International School Services e do International Office*

REFERÊNCIAS

<https://www.international-office.uni-mainz.de/exchange/gis/>

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- estudantes nacionais
- docentes
- pessoal técnico

FOCO TEMÁTICO

- cultura local
- idioma
- conflitos interculturais
- diversidade cultural
- direitos humanos/racismo

CONTEXTO

- universidade

RECOLHA DE DADOS:

- pesquisa documental

2.5. Encontros de estudantes no currículo

Existem também estratégias curriculares para promover encontros entre estudantes, tais como seminários com atribuição de créditos ou cursos com componente intercultural.

2.5.1. Vienna Innovation Program^{WU}

Vienna University of Economics and Businesses (WU)

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

O *Vienna Innovation Program*^{WU} usa a diversidade de estudantes de diferentes contextos como parte integrante do projeto, preparando as/os estudantes para resolver problemas complexos e pouco estruturados em equipas internacionais, usando métodos inovadores. A peça central é um curso intensivo de duas semanas na *Vienna University of Economics and Businesses (WU)*, que inclui um conjunto de métodos interligados que garantem que os/as estudantes adquirem conhecimentos sobre conceitos de inovação modernos e podem usá-los no sentido de aprendizagem orientada para problemas e para projetos. Juntos, a WU (*Vienna University of Economics and Businesses*) e as/os estudantes internacionais aplicam os conceitos desenvolvidos em problemas reais de empresas parceiras internacionais. A experiência realista e intercultural deve preparar os participantes do *Vienna Innovation Program*^{WU} para futuras situações de trabalho em gestão da inovação em contexto internacional. Numerosos resultados de investigação mostram que a elevada diversidade nos grupos é de importância central para o desenvolvimento de ideias criativas e de soluções inovadoras para problemas. Diferentes características culturais e diversos contextos devem permitir a introdução de diferentes perspetivas que, através da sua síntese, produzem ideias inéditas, processos criativos e abordagens organizacionais inovadoras.

O *Vienna Innovation Program*^{WU} usa as diferentes origens de 15 estudantes locais e 30 estudantes internacionais de universidades parceiras como parte integrante do desenho do curso. As/Os estudantes trabalham em equipas altamente diversas, em tarefas orientadas para problemas e para projetos, no campo da inovação. Através da mistura de estudantes de diferentes países, e trabalhando em projetos no seio de equipas internacionais, o curso oferece aos/as estudantes uma experiência nova, prática e sustentável de aprendizagem intercultural, num contexto inovador. Ao usar as diferentes origens de estudantes locais e internacionais como uma componente central, o *Vienna Innovation Program*^{WU} apresenta um desenho de curso que permite que os/as estudantes locais contribuam para a internacionalização da sua universidade de origem e para tornar a universidade mais atraente para as/os estudantes internacionais.

Os seguintes objetivos de aprendizagem são definidos, por forma a aumentar a competência técnica e metodológica na área da gestão da inovação. Enquanto participantes, os/as estudantes devem:

- compreender os princípios da gestão da inovação
- conhecer as últimas tendências no campo
- validar os seus possíveis usos
- usar o conhecimento adquirido para resolver um problema real
- refletir criticamente e expandir de forma independente.

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- estudantes nacionais

FOCO TEMÁTICO

- diversidade cultural
- inovação

CONTEXTO

- universidade

RECOLHA DE DADOS:

- pesquisa documental

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

O *Vienna Innovation Program*^{WU} é institucionalizado na universidade e incorporado em alguns dos planos curriculares oferecidos. Ocorre anualmente, mas é restrito a um número específico de estudantes (45 estudantes, no total). O *Vienna Innovation Program*^{WU} tem lugar na *Vienna University of Economics and Businesses* (WU) e dirige-se a estudantes avançados (3.º semestre) dos Programas de Mestrado em língua inglesa, e orientados para a internacionalização, “*Strategy, Innovation and Management Control*” (SIMC) e “*Supply Chain Management*”, mas também a estudantes internacionais de Graduação/Mestrado (especialmente MBA e MSc em Negócios e Economia) de outras universidades. As/Os estudantes internacionais vêm de universidades na região anglo-americana (e.g., *University of Chicago*, *Queen’s University*, Melbourne Business School ou *Lancaster Business School*). O *Vienna Innovation Program*^{WU} compreende 40 horas de contacto com o corpo docente local. Para os estudantes do SIMC, o *Vienna Innovation Program*^{WU} é um curso do módulo opcional “*Advanced Entrepreneurship and Innovation Management*”. Todos/as os/as outros/as estudantes têm a opção de creditar as realizações do curso no valor de sete créditos.

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Os objetivos de aprendizagem para expandir as competências interculturais e pessoais (ver Erpenbeck, 2007) implicam que as/os estudantes

- sejam capazes de trabalhar de forma eficaz em grupos altamente diversos,
- resolvam problemas emergentes de comunicação e sejam capazes de usar os conflitos como potencial de aprendizagem e inovação,
- sejam capazes de desmontar problemas complexos e estruturar soluções,
- conheçam os limites de tempo como uma oportunidade para focar nos aspetos críticos do projeto,
- usem diferentes formas de chegar a decisões conjuntas,
- avaliem o impacto das medidas desenvolvidas para as diferentes partes interessadas e preparem os resultados do projeto para os respetivos grupos.

Nesse sentido, a resolução de conflitos interculturais pode estar incluída e ser uma parte importante do conteúdo do programa e pode oferecer oportunidades variadas de trabalhar com os conflitos, de forma prolongada no tempo.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

O programa oferece uma experiência de aprendizagem compacta e estruturada, com o apoio de docentes universitários/as. As/Os estudantes têm a oportunidade de se conectar com estudantes locais, mas também com outras e outros estudantes internacionais de todo o mundo e ficar em contacto com elas/es, o que também pode ser interessante para futuras possibilidades de trabalho. Como o programa funciona com empresas reais, também promove a empregabilidade estudantil.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

A participação no programa é restrita a um pequeno número de estudantes, em função da intensa colaboração entre estudantes, mas também entre docentes e estudantes. É também restrito a estudantes de mestrados específicos. Tem um foco claro em conteúdos relacionados com negócios. O grupo-alvo parece estar reduzido principalmente a estudantes internacionais com origem anglo-americana (EUA, Austrália, Canadá, Grã-Bretanha, América do Sul) e pode não incluir outros/as estudantes internacionais, nomeadamente da Ásia ou de países da Europa de Leste, o que não é compreensível. Também não está claro se estudantes com contextos financeiros menos favorecidos têm as mesmas oportunidades e se estão ou não incluídos/as.

REFERÊNCIAS

<https://www.wu.ac.at/studium/incoming-students/vienna-innovation-program-wu>

2.5.2. Curso Bilingue de Negócios Internacionais

University of Social Sciences, Polónia

BREVE DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS ENTRE ESTUDANTES

O Curso Bilingue de Negócios Internacionais (*International Business Bilingual Course*) é ministrado para estudantes de mestrado em Gestão de dois programas (com duas línguas de ensino diferentes – polaco e inglês). Estudantes locais e internacionais trabalham juntos, em equipas multiculturais, em projetos orientados para negócios. Começou por iniciativa do Vice-Reitor de Programas Internacionais.

GRAU DE INSTITUCIONALIZAÇÃO, INOVAÇÃO E ALCANCE NA UNIVERSIDADE

O curso é organizado na Faculdade pelo Vice-Reitor de Programas Internacionais da *Faculty of Management and Security Studies*. É institucionalizado nos planos curriculares do Mestrado em Administração e confere créditos. Nesse sentido, o curso é oferecido regularmente e é ministrado ao longo de todo o semestre.

CARACTERIZAÇÃO

DESTINATÁRIOS/AS

- estudantes internacionais com
- estudantes nacionais

FOCO TEMÁTICO

- idioma
- conflitos interculturais
- diversidade cultural

CONTEXTO

- universidade

RECOLHA DE DADOS:

- observação

IMPLICAÇÕES PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS INTERCULTURAIS NAS UNIVERSIDADES

Há três palestras introdutórias neste curso: comunicação intercultural, dinâmica de equipas multiculturais e resolução de conflitos interculturais entre estudantes. Para passar no curso e obter os créditos, as/os estudantes trabalham em conjunto em equipas multiculturais em projetos orientados para negócios, preparam relatórios e apresentações. Ao longo de todo o curso, o/a docente atua como mediador/a intercultural ou facilitador/a, se necessário.

PRINCIPAIS PONTOS FORTES

O principal ponto forte do curso é promover a aprendizagem baseada em problemas e na experiência, relacionada com o campo específico dos negócios.

O outro ponto forte é o facto de as/os estudantes participantes apreciarem a possibilidade de praticar a sua comunicação intercultural e as suas competências de resolução de problemas num ambiente multicultural.

PRINCIPAIS PONTOS FRACOS

O primeiro ponto fraco é que o curso é oferecido apenas a um número limitado de estudantes.

O segundo ponto fraco é que este curso é um desafio para os/as docentes que precisam, ao mesmo tempo, de ser bilingues e de ter conhecimentos específicos relacionados com o curso, bem como conhecimentos sobre comunicação intercultural, organização e dinâmica de equipas multiculturais e resolução de conflitos interculturais entre estudantes.

3. Observações finais

Como já foi referido, esperamos que estas estratégias institucionais possam apoiar as IES a desenhar os seus próprios encontros, tendo em consideração o contexto em que estão inseridas, a missão que perseguem e as diferentes pessoas que as constituem e frequentam.

Há decerto muitas outras práticas interessantes de interculturalidade, nestas e noutras IES. Ainda assim, é importante reconhecer que o caminho a percorrer é longo e parece que apenas começamos a viagem. Há, de facto, muito a fazer.

Uma análise crítica dos principais pontos fortes destes encontros mostra quão importantes estas iniciativas podem ser para promover o contacto com o país de acolhimento, a sua cultura e o seu idioma, as IES e as pessoas anfitriãs (pessoal técnico, docentes, outros/as estudantes...). Uma vez que ocorrem numa atmosfera marcada pela informalidade, estas iniciativas tendem a favorecer os intercâmbios e o bem-estar das pessoas que nelas participam. É também interessante notar que, embora as trocas sejam multidimensionais – e incluam cultura local, estilo de vida, aspetos emocionais –, estes encontros são frequentemente informativos (fornecendo, na maioria das vezes, informação relacionada com assuntos administrativos e o funcionamento das IES). Ajuda, apoio e estratégias colaborativas estão também presentes.

Estas estratégias também revelam pontos fracos, contudo. Duas delas destacam-se, sendo a primeira a dificuldade de envolver estudantes. As razões são diversas: algumas iniciativas são organizadas antes de todos/as os/as estudantes internacionais terem chegado; outras falham em mobilizar as/os estudantes locais, o que contribui para reunir apenas os/as estudantes internacionais... A segunda fraqueza tem que ver com a organização avulsa deste tipo de iniciativas: ocorrem, as mais das vezes, uma vez por ano ou por semestre, o que permite tão-somente a participação de um pequeno número de estudantes, e torna mais difícil a continuidade das ações.

Deste modo, seria interessante perceber até que ponto estas práticas estão realmente enquadradas nos valores e na missão das IES (ver Figura 1). Caso contrário, correm o risco de se transformarem em iniciativas avulsas e pouco mobilizadoras. Ou ainda, de se reduzirem a sessões informativas relacionadas com aspetos administrativos – que são obviamente importantes, mas não esgotam a riqueza de experiências e trocas que podem ocorrer entre e com estudantes internacionais.

Além disso, e com vista a aumentar os efeitos transformadores deste tipo de atividades, seria interessante que as IES estendessem o acolhimento de estudantes migrantes ao longo do tempo, tentando assegurar que se aplica a toda a permanência dos/as estudantes e não se restringe à primeira semana ou a um dia de celebração, por mais importante – e isto deve ser sublinhado – que este primeiro contacto também seja.

Outro aspeto fundamental tem que ver com o facto de que, uma vez que se trata de diálogo, os/as estudantes migrantes não podem ser deixados/as a falar sozinhos/as. Por outras palavras, as atividades que desenvolvem não devem contribuir para os/as isolar ainda mais nas suas “diferenças”. Por isso, devem envolver estudantes locais, também porque muitas ou algumas das “necessidades” e “potencialidades”

dos/as estudantes migrantes são partilhadas por estudantes locais (por exemplo, estudantes deslocados/as, que estudam numa cidade diferente). Com efeito, o diálogo representa uma vantagem para todas as pessoas que nele participam. Para que isto seja verdade, o diálogo deve ser facilitado por docentes e pessoal técnico com formação adequada, que tenham experiência em formação intercultural, dinamização de oficinas de formação e mentoria em situações de conflito.

Para concluir, e porque nos referimos a diálogo, encontros e estudantes, a prioridade deve ser ouvir as/os estudantes internacionais e locais sobre as suas próprias experiências nestes encontros, os seus desejos, necessidades e potencialidades, bem como as suas propostas para estas ou novas políticas e práticas de acolhimento e encontros interculturais. É preciso aprofundar este trabalho, valorizando a continuidade, a proximidade e a reflexividade, pelo que esperamos que este Guia possa ajudar a imaginar formas de o fazer.

4. Referências

- Amaral, A. & Magalhães, A. (2009). Between Institutional Competition and the Search for Equality of Opportunities: Access of Mature Students. *Higher Education Policy*, 22, 505-521.
- Amorim, José Pedro (2018). Mature students' access to higher education: A critical analysis of the impact of the 23+ policy in Portugal. *European Journal of Education*, DOI: 10.1111/ejed.12283.
- Arendt, Hannah (1995 [1950]). *Qu'est-ce que la politique?* Paris: Seuil.
- Bathmaker, Ann-Marie; Bradley, Harriet; Ingram, Nicola; Hoare, Tony; Waller, Richard; Abrahams, Jessie (2016). *Higher education, social class and social mobility. The degree generation*. Palgrave Macmillan.
- Bauman, Zygmunt (2008). *Liquid Times: Living in an Age of Uncertainty*. Malden: Polity.
- Bauman, Zygmunt (1999). *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Barrett, Martyn; Byram, Michael; Lázár, Ildikó; Mompoin Gaillard, Pascale; Philippou, Stavroula (2014). *Developing intercultural competence through education*. Strasbourg: Council of Europe.
- Byl, E., Struyven, K., Meurs, P., Bieke, A., Vanwing, T., Engels, N., & Lombaerts, K. (2016). The value of peer learning for first-year postgraduate university students' social and academic integration. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 228, 299-304. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2016.07.044>
- Cohen-Emerique, Margalit (2015). *Pour une approche interculturelle en travail social: théories et pratiques*. Rennes: Presses de l'EHESP.
- Crenshaw, Kimberle (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, 139-167.
- Dasli, Maria (2019). UNESCO guidelines on intercultural education: a deconstructive reading. *Pedagogy, Culture & Society*, 27(2), 215-232, DOI: 10.1080/14681366.2018.1451913.
- De Sanctis, Filippo M. (1984). Problems of defining the public in the context of lifelong education. *International Journal of Lifelong Education*, 3(4), 265-277.
- European Commission/EACEA/Eurydice (2018). *The European Higher Education Area in 2018: Bologna Process Implementation Report*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.
- Finnegan, Fergal; Merrill, Barbara; Thunborg, Camilla (Eds.) (2014). *Student Voices on Inequalities in European Higher Education: Challenges for theory, policy and practice in a time of change*. Oxon: Routledge.
- Fergy, S., Marks-Maran, D., Ooms, A., Shapcott, J., & Burke, L. (2011). Promoting social and academic integration into higher education by first-year student nurses: The APPL project. *Journal of Further and Higher Education*, 35(1), 107–130. <https://doi.org/10.1080/0309877X.2010.540318>

Freire, Paulo (1972). *Pedagogia do oprimido*. Porto: Afrontamento.

Freire, Paulo (1992 [1977]). *Extensão ou comunicação*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, Paulo (1999). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

Godin, Marie & Rea, Andrea. (2011). Nouvelles logiques de migration et de mobilité. In Michèle Leclerc-Olive, Grazia Scarfo Ghellab & Anne-Catherine Wagner (Eds.) *Les mondes universitaires face au marché. Circulation des savoirs et pratiques des acteurs*, 49. Paris: Karthala.

Hewstone, Miles; Rubin, Mark; Willis, Hazel (2002). Intergroup bias. *Annual review of psychology*, 53(1), 575-604.

Kim, Young M. (2011). *Minorities in Higher Education*. Washington: American Council of Education.

Margolis, Eric & Romero, Mary (1998). The department is very male, very white, very old, and very conservative: The functioning of the hidden curriculum in graduate sociology departments. *Harvard Educational Review*, 68, 1, 1-32

Mariet, François (1991). Interculturalising the French educational system: towards a common European perspective. In Dieter Buttjes & Michael Byram (Eds.), *Mediating Languages and Cultures: Towards an Intercultural Theory of Foreign Language Education* (pp. 84-99). Clevedon: Multilingual Matters.

Menezes, Isabel; Lopes, Amélia; Amorim, José Pedro; Neves, Tiago; Pais, Sofia C.; Soeiro, Alfredo (2016). *HE4u2. Work Package 1 – Stocktaking Transversal Analysis and Conclusions*. Porto: CIIE, University of Porto [http://he4u2.eucen.eu/wp-content/uploads/2016/04/HE4u2_WP1_d1.2_TransversalAnalysis_Final.pdf].

Myers, David G. (2010). *Social psychology*. New York: McGraw-Hill.

Orwell, George (2011 [1945]). *Animal farm*. Harlow: Pearson Education.

Pascarella, Ernest T. & Terenzini, Patrick T. (2005). *How college affects students: A third decade of research*. San Francisco: Jossey-Bass.

Rienties, B., & Tempelaar, D. (2013). The role of cultural dimensions of international and Dutch students on academic and social integration and academic performance in the Netherlands. *International Journal of Intercultural Relations* 37 (2), 188-201. doi: 10.1016/j.ijintrel.2012.11.004

Santos, Boaventura de Sousa (1997). Por uma concepção multicultural de direitos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 48, 11-32.

Sen, Amartya (2007). *Identity and violence: the illusion of destiny*. New York: Norton.

Sobiesiak, Kamila Magdalena (2012). *Drifting identity in the global era? Polish students in Irish Higher Education*. Unpublished doctoral thesis, Faculty of Social Sciences, NUI Maynooth.

Stoer, Stephen & Cortesão, Luiza (1999). *“Levantando a pedra”: da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização*. Porto: Afrontamento.

Tajfel, Henri (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American*, 223(5), 96-102.

Tinto, V. (1975). Dropout from higher education: A theoretical synthesis of recent research. *Review of Educational Research*, 45(1), 89–125.

Todorov, Tzvetan (1993). *On human diversity: nationalism, racism, and exoticism in French thought*. Cambridge: Harvard University Press.

Trow, Martin (1973). *Problems in the Transition from Elite to Mass Higher Education*. Berkeley, California: Carnegie Commission on Higher Education.

UNESCO (2006). *UNESCO Guidelines on Intercultural Education*. Paris: UNESCO.

Wim M.J. van Binsbergen (1994). The kazanga festival. *African Studies*, 53(2), 92-125.
DOI: 10.1080/00020189408707803.

Žižek, Slavoj (2006). *Elogio da intolerância*. Lisboa: Relógio D'Água.

